

CRIAÇÃO

ALIMENTO E SUSTENTABILIDADE

Um guia bíblico-teológico sobre justiça alimentar



Liliane Alcântara



CRIAÇÃO, ALIMENTO E SUSTENTABILIDADE.
Um guia bíblico-teológico sobre justiça alimentar.

Projeto Catalisador de Nível 3 da Iniciativa Logos e Cosmos (ILC).
Para mais informações sobre a Iniciativa: <https://lci.ifesworld.org/es/>

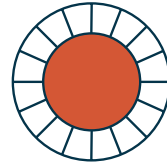
As citações são retiradas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional.

Autora
Liliane Alcântara

Revisor
Rui Lima

Tradução para o espanhol
Hector Horacio Severi Cardos

Produção e diagramação
Moira Jamett Lara



"A comida é um dom de Deus dado a todas as criaturas para fins de nutrição, compartilhamento e celebração da vida. Quando é feito em nome de Deus, comer é a realização terrena do amor eterno de Deus que constrói a comunhão".



— NORMAN WIRZBA

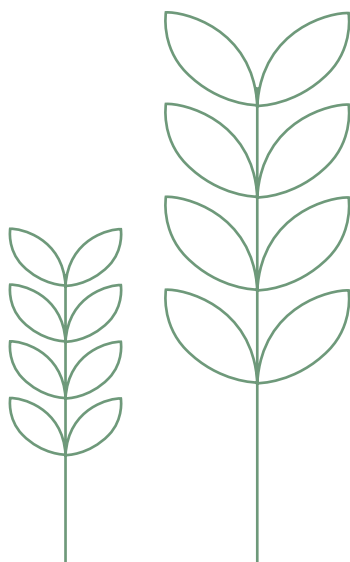




ÍNDICE

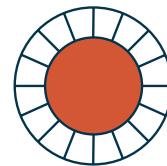


I.	Introdução	5
II.	Reflexões:	
	1. Entre o Jardim e a Queda: Restaurando o relacionamento com a Criação	8
	2. Imago Dei e justiça alimentar	10
	3. A providência de Deus e o cuidado com o próximo	13
	4. Pecado, injustiça e degradação ambiental	16
	5. A redenção e o chamado à restauração	18
	6. A partilha como atitude cristã	21
III.	Ações e práticas	23
4.	Estudos Bíblicos Indutivos	35
V.	Apêndice 1	40
VI.	Apêndice 2	41
VII.	Referências bibliográficas	42



I. INTRODUÇÃO:

POR QUE FALAR SOBRE JUSTIÇA ALIMENTAR E SUSTENTABILIDADE?



Você já parou para pensar no impacto da sua alimentação na criação de Deus e na vida do seu próximo? Em 2023, aproximadamente 733 milhões de pessoas enfrentaram a fome, representando cerca de 1 em cada 11 pessoas no mundo, enquanto um terço de todos os alimentos produzidos é desperdiçado (SOFI, 2024). Como a fé cristã nos chama a responder a essa realidade?

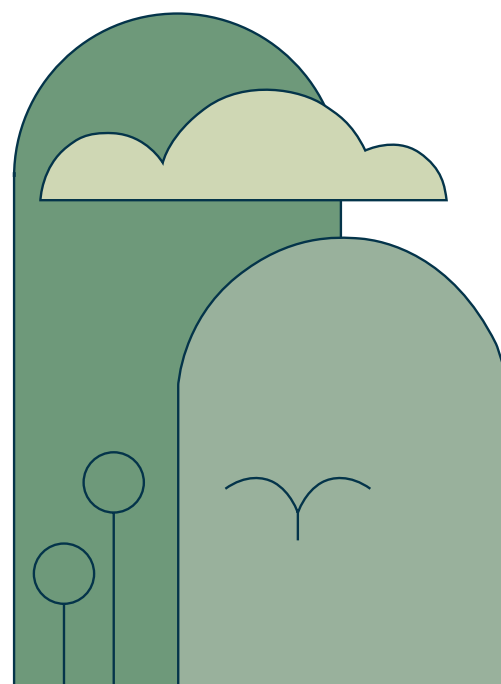
A maneira como lidamos com os recursos da terra reflete nossa relação com Deus e com o próximo. A comida é mencionada na Bíblia inúmeras vezes, ela é uma figura importante e perpassa as relações entre o homem e o criador, uns com os outros e com a natureza. Desde o jardim do Éden até a ceia do Senhor, Deus nos ensina que o alimento não é apenas uma necessidade física, mas também uma expressão de sua provisão, justiça e generosidade.

Este guia foi criado para ajudar você a refletir sobre justiça

alimentar e sustentabilidade a partir de uma perspectiva teológica. Ele combina reflexões, estudos bíblicos indutivos e práticas para capacitar estudantes universitários cristãos e líderes cristãos a se engajarem ativamente na construção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis.

A pergunta central que nos guia é: Como podemos, como indivíduos e comunidades de fé, agir para que todos tenham acesso a uma alimentação justa e sustentável?

O mundo é marcado por profundas desigualdades, que se intensificaram durante a pandemia de COVID-19, especialmente no acesso à alimentação e nos impactos crescentes da degradação ambiental. Milhões de pessoas enfrentam a fome e a insegurança alimentar, enquanto práticas agrícolas insustentáveis comprometem os recursos naturais para as futuras gerações. Diante desse cenário, a justiça alimentar e a sustentabilidade emergem como questões centrais não



apenas para políticas públicas e economia, mas também para a fé cristã, que nos chama a cuidar da criação e garantir que todos tenham o necessário para viver com dignidade.

Como indivíduos e comunidades de fé, somos convidados a refletir sobre como nossas escolhas e ações podem promover um sistema alimentar mais justo e sustentável. A Bíblia nos ensina que Deus criou o mundo em abundância, um sistema provedor de vida e nos confiou a responsabilidade de administrá-lo com sabedoria e justiça. Este guia busca fornecer reflexões teológicas e práticas que capacitem cristãos a se envolverem ativamente na transformação desse cenário, por meio de ações concretas que expressem o amor ao próximo e a fidelidade ao chamado divino de cuidar da criação. Nosso desafio é transformar essa realidade através de escolhas conscientes e comprometidas com a justiça.

Como este guia está estruturado

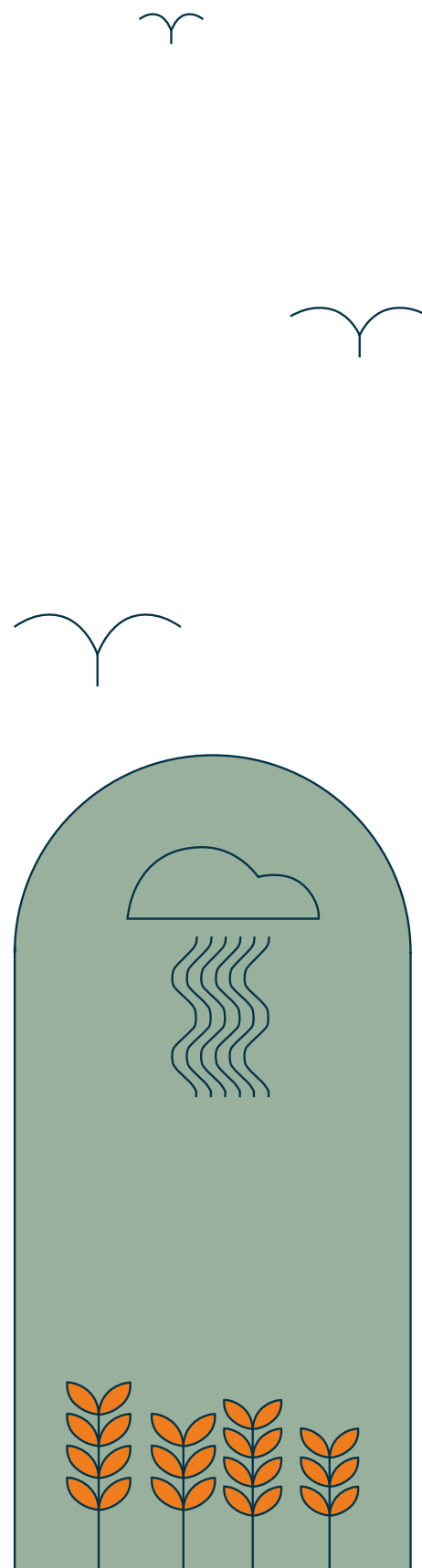
O guia é composto por três seções principais, são elas: as reflexões teológicas, iniciativas e práticas, e estudos bíblicos indutivos.

A primeira consiste em seis textos que nos estimulam a refletir como a fé cristã nos convida a cuidar da terra e a garantir que todos tenham acesso ao alimento. A segun-

da seção traz as iniciativas e práticas, que são estratégias e ações concretas com as quais estudantes, profissionais e comunidades de fé podem se engajar com a temática. E por fim, a terceira seção acomoda uma série de estudos bíblicos indutivos que proporcionam um mergulho na Bíblia para entender o chamado de Deus para a justiça alimentar.

Como o guia pode ser útil para estudantes cristãos e lideranças eclesiais?

As reflexões teológicas oferecem uma compreensão da justiça alimentar e da sustentabilidade a partir da perspectiva bíblica, conectando temas como mordomia da criação, equidade e cuidado com os vulneráveis. Elas também auxiliam na formação de uma cosmovisão cristã que reconhece a alimentação e o meio ambiente como partes do propósito redentor de Deus, além de analisar textos bíblicos mostrando como a fé se relaciona com a alimentação e o cuidado com a terra. As iniciativas e práticas são apresentadas de maneira sistemática desde o planejamento à execução, proporcionando a aplicação prática de ações de justiça alimentar e sustentabilidade, como compostagem comunitária, consumo responsável, apoio a pequenos produtores e redução do desperdício de alimentos. Ademais, estimula o envolvimento em políticas públicas e projetos sociais que promovam segurança alimen-



tar e cuidado ambiental.

Os estudos bíblicos indutivos são um incentivo para uma abordagem participativa, permitindo que os leitores descubram por si mesmos o que as Escrituras dizem sobre justiça e sustentabilidade, o que possibilita a aplicação dos princípios bíblicos no contexto universitário e eclesiástico, promovendo discussões enriquecedoras em grupos pequenos ou em discipulados. Neste sentido, este guia prepara estudantes e líderes para serem agentes de mudanças nas suas comunidades, oferece orientações sobre como engajar grupos cristãos na universidade, bairros, igrejas, etc., para a promoção de práticas alimentares mais justas e sustentáveis. Além disso, fortalece o compromisso da comunidade cristã com a responsabilidade social e ambiental, alinhando fé e prática. Este material, portanto, pode ser uma fonte de inspiração e capacitação de cristãos a viverem sua fé de maneira relevante e transformadora, promovendo justiça alimentar e sustentabilidade nos seus contextos.

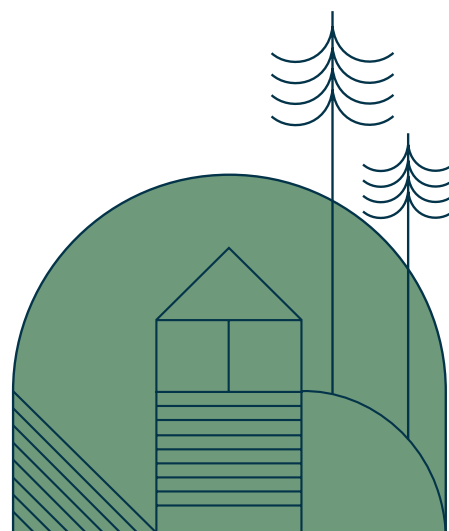
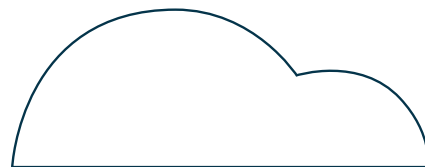
Como o guia pode ser usado?

Este guia pode ser utilizado de diferentes formas, dependendo do contexto e dos objetivos do grupo. De maneira inicial, as reflexões teológicas podem servir como ponto de partida para estudantes universitários cristãos e líderes de igreja compreenderem a

relação entre fé, justiça alimentar e sustentabilidade. Essa etapa pode ocorrer individualmente, como um processo de aprofundamento pessoal, ou em grupos, por meio de leituras e discussões orientadas, permitindo que os participantes construam uma base sólida sobre o tema antes de avançarem para os estudos mais aplicados.

Além disso, o guia pode ser utilizado em grupos de estudo, promovendo a aplicação dos estudos bíblicos indutivos de forma coletiva. Esses encontros podem seguir um formato estruturado, no qual os participantes analisam as passagens bíblicas propostas, compartilham percepções e buscam conexões entre o texto bíblico e as necessidades do contexto atual. Após essa etapa teórica, o guia também pode servir como ferramenta para incentivar a execução de iniciativas práticas, como a implementação de hortas comunitárias, compostagem, campanhas de conscientização sobre desperdício de alimentos ou apoio a pequenos produtores. Dessa forma, a jornada do aprendizado se torna completa, unindo reflexão, estudo e ação transformadora na comunidade.

Nos próximos capítulos, exploraremos essas questões e caminhos para que possamos, juntos, viver nossa fé de forma coerente com o chamado de Deus para a justiça e o cuidado com a criação. **Vamos começar?**



II. REFLEXÕES

1. ENTRE O JARDIM E A QUEDA: Restaurando o relacionamento com a criação

Então Deus disse: "Façamos o ser humano à nossa imagem; ele será semelhante a nós. Dominará sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre todos os animais selvagens da terra e sobre os animais que rastejam pelo chão"

—Gênesis 1:26

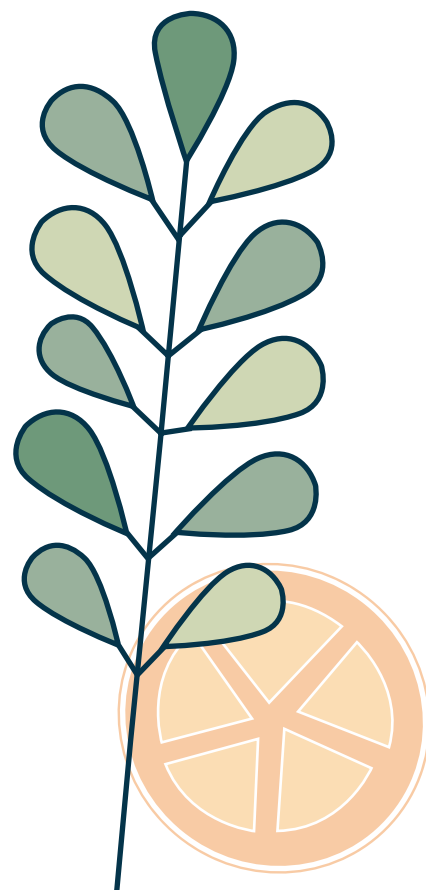
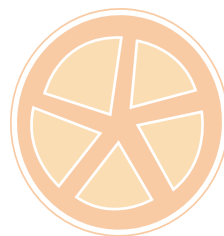
No sexto dia de criação, após dar forma à terra, criar a luz, separar as águas da porção seca, criar os luminares, toda a diversidade de vegetação e os animais, Deus dá um passo além e cria algo semelhante a si, dando à humanidade autoridade para governar o jardim. Deus passou os primeiros 26 versículos de Gênesis planejando e executando a criação do cosmos, estabelecendo um ambiente seguro, harmônico e provedor de vida.

É intrigante perceber o tempo, atenção e cuidado que Deus dedica para criar um lugar sustentável e propício à vida, e somente no final do relato vemos a criação da humanidade. Sempre ouvi na igreja que a criação mais importante de Deus é o homem. Não estou aqui tentando organizar um ranking de importância na criação divina. Essa expressão, porém, sempre foi usada no meu contexto como uma forma não apenas de destacar a importância do homem, mas de diminuir as de-

mais obras do Criador. Frases como "O homem é a coroa da criação" foram frequentemente utilizadas para validar o descaso e até a exploração humana em relação à natureza.

Agir dessa forma distorce a imagem de Deus. Em Gênesis 1, a expressão "Deus viu que era bom" aparece seis vezes. Ele apreciou tudo o que fez. O sistema criado por Deus é integrado, fundamentado na interdependência dos componentes bióticos e abióticos, e Ele viu que isso era bom. Aproveite a Deus criar a humanidade como parte desse sistema, não apenas como um gestor, mas também como dependente dele.

O termo hebraico "radah", traduzido como dominar/governar, implica responsabilidade e cuidado. Se considerarmos que a humanidade foi criada à imagem de Deus, seu domínio deve refletir a maneira como Deus se relaciona com a criação. O homem deve



exercer esse governo espelhando os atributos de seu Criador: justiça, compaixão e fidelidade. Quando o contrário acontece, distorcemos a imagem de Deus. No contexto alimentar, essa relação deve ser ainda mais equilibrada, garantindo a todos o acesso à alimentação e portanto, dignidade e vida.

É verdade que, com a entrada do pecado no mundo, houve uma distorção da imagem de Deus na humanidade, o que afetou profundamente a maneira como esta se relaciona com a criação. Desenvolvemos, assim, uma relação desarmoniosa com Deus, com o próximo e com a terra. O jardim, provedor de vida, tornou-se um lugar de sofrimento, dificuldade e desequilíbrio. Contudo, o mandato de cultivar e guardar a criação ainda é imposto a nós, mesmo no contexto atual de um mundo caído, marcado por nossa natureza pecaminosa, onde a inclinação humana é para o abuso, exploração e injustiça.

Segundo o relatório de desperdícios do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), em 2022 o mundo descartou 1,05 bilhão de toneladas de resíduos alimentares. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) relata que 33% do solo do planeta está degradado em

níveis moderado a alto, e mais de 90% poderão estar degradados até 2050.

Esses são alguns dados que exemplificam como a presença do pecado transforma o domínio humano em injustiça e degradação ambiental. Embora vivamos em um mundo caído, essa não é toda a história. Nós, os cristãos, também fomos redimidos. É a partir da perspectiva da redenção que devemos governar, por meio de uma compreensão renovada da nossa vocação. O mandato cultural contido em Gênesis 1:26-28 não foi anulado pela queda; ele permanece vigente. O que antes era realizado sob a influência do pecado, agora deve ser cumprido por nós, agentes da redenção de Cristo, com as marcas da reconciliação. Isso significa que devemos trabalhar para a restauração da criação, promovendo o cuidado ambiental e a justiça alimentar.

A redenção em Cristo nos convida a resistir aos impulsos destrutivos do pecado e a buscar a justiça, paz e alegria na preservação da criação, cumprindo esse chamado. No contexto alimentar, essa consciência nos motiva a adotar práticas que reflitam o caráter justo e cuidadoso de Deus em nossa administração da criação.



**Como posso agir
para refletir o
cuidado de Deus
pela criação em
minhas escolhas
alimentares?**



Reserve um momento para
refletir e responder a esta
pergunta.

2. IMAGO DEI E JUSTIÇA ALIMENTAR: Igualdade de gênero na criação e o papel da mulher na redenção

Assim, Deus criou os seres humanos à sua própria imagem, à imagem de Deus os criou; homem e mulher os criou.

—Gênesis 1:27

Este versículo de Gênesis é uma das bases fundamentais para a compreensão teológica do imago Dei. O imago Dei é um conceito teológico que afirma que os seres humanos refletem certos aspectos do caráter e da natureza de Deus. A criação à imagem de Deus confere a toda pessoa dignidade intrínseca e igual, o que implica que cada ser humano tem valor, merece respeito e cuidado. Homens e mulheres, igualmente, compõem essa imagem divina, e é essencial ressaltar que a imagem de Deus só é plenamente representada na figura de ambos.

Em muitos contextos, a imagem do homem prevalece como a representação plena de Deus, enquanto a mulher é frequentemente marginalizada ou inferiorizada. Essa percepção equivocada interfere diretamente no cumprimento do mandato cultural dado por Deus à humanidade. Mas como isso afeta as questões alimentares?

No versículo 27 do relato de Gênesis 1, vemos Deus criando a humanidade. Homens e mulheres, igualmente criados à imagem de Deus, são cha-

mados a representá-lo na terra. Em Gênesis 1:28, o mandato cultural para dominar e cuidar da criação está diretamente relacionado ao imago Dei; portanto, esse mandato foi dado igualmente a ambos, implicando um chamado à gestão responsável e justa. A humanidade deve refletir a autoridade justa e cuidadosa de Deus sobre o mundo, governando a criação de maneira que promova sua prosperidade e harmonia.

Com a entrada do pecado no mundo, as relações humanas foram corrompidas, levando a comportamentos que conflitam com o caráter de Deus, como injustiças, desigualdades e a exploração indiscriminada dos recursos naturais. O mundo pós-queda é marcado pelo desequilíbrio em todas as relações, o que também se manifesta nas questões de gênero, onde as mulheres têm sido marginalizadas, muitas vezes sem acesso à terra, recursos ou apoio para contribuir significativamente na bioconservação e produção de alimentos.

Segundo dados do relatório Estado da Segurança Alimen-



tar no Mundo – SOFI (2022), as mulheres têm 1,3% mais chances de sofrer insegurança alimentar do que os homens. Em 2021, 31,9% das mulheres no mundo enfrentavam insegurança alimentar moderada ou grave, em comparação com 27,6% dos homens. A disparidade é mais evidente na América Latina e no Caribe, onde a diferença entre homens e mulheres foi de 11,3 pontos percentuais em 2021, contra 9,4 pontos em 2020. Dados da ONU (2022) revelam que, em média, as mulheres representam mais de 40% da força de trabalho agrícola nos países em desenvolvimento, sendo que em algumas partes da África e Ásia esse número pode ultrapassar os 50%. No entanto, o número de mulheres proprietárias de terras não passa de 20%. Além disso, o papel feminino na agricultura de subsistência é frequentemente não remunerado, e sua contribuição para a economia rural é amplamente subestimada.

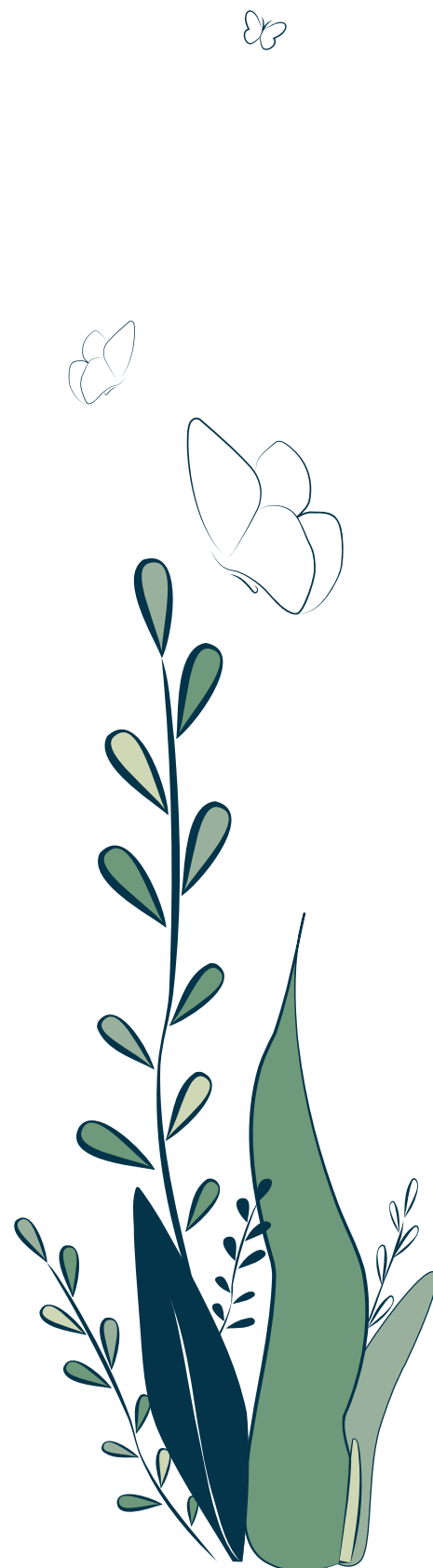
Esses são apenas alguns dados que revelam como as mulheres têm sido expostas a diversas formas de exploração, opressão e injustiças ambientais, alimentares e sociais. Isso representa uma violação da dignidade divina conferida a elas na criação. Na realidade do mundo caído, onde o pecado distorce as relações, o papel da mulher na produção e distribuição de alimentos é frequentemente negligenciado, desconsiderando o valor intrínseco que

elas possuem como portadoras do imago Dei.

O pecado não apenas corrompe o relacionamento entre o ser humano e Deus, mas também distorce as relações humanas com a criação. A desigualdade estrutural que marginaliza as mulheres no setor alimentar representa uma violação da justiça divina. Em Isaías 1:17, o Senhor diz: “Aprendam a fazer o bem e busquem a justiça. Ajudem os oprimidos, defendam a causa dos órfãos, lutem pelos direitos das viúvas”. Este chamado à justiça também se aplica às mulheres, que muitas vezes têm sido privadas de seus direitos.

A teologia da redenção nos ensina que, por meio de Cristo, não apenas a relação da humanidade com Deus é restaurada, mas também há cura para as distorções nas relações humanas. A redenção em Cristo reafirma a dignidade de todas as pessoas, independentemente de gênero, e reintegra as mulheres à plenitude de seu papel como iguais na criação. Isso é crucial no contexto da justiça alimentar, pois as mulheres, historicamente marginalizadas, têm sido privadas de direitos básicos, como o acesso à terra, aos recursos para a produção de alimentos e ao acesso equitativo a alimentos diversos e saudáveis.

A redenção em Cristo também restaura o papel das mulheres no mandato cultural



dado por Deus em Gênesis 1:28. Embora o pecado tenha desfigurado o exercício desse mandato, Cristo redime essa vocação, capacitando as mulheres a desempenharem um papel central na administração da criação, podendo o mundo tornar-se novamente justo, harmônico e gerador de vida.

Nessa perspectiva, as mulheres não são vistas como subalternas, mas como co-criadoras e líderes em suas

comunidades. Elas podem reivindicar sua dignidade e autoridade para participar plenamente dos processos de decisão sobre a produção, distribuição e consumo de alimentos. Essa visão igualitária é fundamental para a justiça alimentar. Ao serem capacitadas e empoderadas para acessar os recursos alimentares e a terra, as mulheres refletem mais plenamente o imago Dei, colaborando com Deus na tarefa de trazer vida e justiça à criação.

3. A PROVIDÊNCIA DE DEUS E O CUIDADO COM O PRÓXIMO

E estas são as instruções do Senhor: 'Cada família deve recolher a quantidade necessária, dois litros para cada pessoa de sua tenda'. Os israelitas seguiram as instruções. Alguns recolheram mais, outros menos. Contudo, quando mediram, cada um tinha o suficiente. Não sobrou alimento para os que recolheram mais nem faltou para os que recolheram menos. Cada família recolheu exatamente a quantidade necessária.

—Êxodo 16:16-18

Esse trecho demonstra o cuidado providencial de Deus ao povo de Israel. Deixe-me contar um pouco mais do contexto. O capítulo 16 de Êxodo descreve o momento crucial da travessia do povo de Israel pelo deserto de Sim, no décimo quinto dia do segundo mês depois de sair do Egito. Os israelitas se encontravam em um ambiente hostil e escasso, com fome, então co-

meçaram a se queixar. Deus os ouviu e providenciou o alimento necessário.

Agora que entendemos melhor a situação enfrentada pelos israelitas, vamos analisar as instruções dadas por Deus nesse contexto e como elas refletem Seu cuidado com a alimentação do Seu povo. Um ponto interessante a se considerar é a preocupação de

ALIMENTO PARA O PENSAMENTO

De que maneira a restauração do imago Dei em Cristo desafia as estruturas sociais e econômicas que marginalizam as mulheres, especialmente no contexto da justiça alimentar? Como a Igreja pode agir para promover equidade e inclusão na administração dos recursos da criação?



Reserve um momento para refletir e responder a esta pergunta.

Deus para que cada pessoa, cada família, receba exatamente a quantidade necessária de alimento. Há uma intencionalidade divina em garantir justiça e equidade na aquisição do maná.

As instruções de Deus sobre a quantidade que poderia ser colhida diariamente refletem a necessidade de respeitar os limites, tanto naturais quanto sociais. Ao proibir o acúmulo de comida, por exemplo, Deus estabeleceu um padrão em que a segurança alimentar de cada pessoa depende tanto da provisão divina quanto da observância de uma distribuição justa.

“Não sobrou alimento para os que recolheram mais, nem faltou para os que recolheram menos. Cada família recolheu exatamente a quantidade necessária.” Este é um aspecto fundamental do capítulo: apesar de o maná ser recolhido de acordo com a capacidade e necessidade de cada família, ninguém tinha mais do que precisava, e ninguém passava necessidade. Este princípio reflete um ideal de distribuição justa de recursos, onde o excesso e a escassez são evitados, promovendo a equidade alimentar. A provisão divina, portanto, está vinculada a um senso de justiça, onde cada pessoa deve receber o suficiente para si e para sua família, sem ganância ou exploração.

Outro princípio expresso neste capítulo de Êxodo é que

Deus estabelece limites para a coleta do maná: o povo deveria recolher apenas o suficiente para cada dia e, no sexto dia, deveria colher o suficiente para dois dias, em razão do descanso no sábado (v. 22-26). Aqueles que tentaram guardar mais do que o necessário para o dia seguinte encontraram seu maná estragado (v. 20).

Essa orientação enfatiza a sustentabilidade e o uso responsável dos recursos. No contexto da justiça alimentar, isso pode ser interpretado como um chamado para evitar o acúmulo desnecessário e a exploração excessiva da terra e de seus recursos. Um sistema alimentar justo deve respeitar os limites naturais e promover práticas sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos.

É válido destacar que a provisão do maná exigia uma resposta comunitária de obediência às instruções de Deus, como, por exemplo, a coleta conforme a necessidade e o descanso no sábado. A comunidade de Israel teve que aprender a confiar na provisão diária de Deus e a respeitar os limites sobre quando e o quanto podiam recolher.

Isso aponta para uma visão comunitária da justiça alimentar, onde todos são chamados a participar de uma rede de responsabilidade mútua. Assim como o povo de Israel tinha que trabalhar em conjunto e compartilhar recursos



de forma justa, nós também somos chamados a colaborar na criação de sistemas alimentares que sejam inclusivos e justos, que atendam às necessidades de todos.

Esse princípio se alinha ao cuidado com o próximo, uma ideia repetidamente enfatizada na Lei de Moisés. Nos capítulos que seguem em Êxodo, encontramos instruções que refletem essa responsabilidade comunitária, como o mandamento de não oprimir os estrangeiros, as viúvas e os órfãos, e de deixar parte das colheitas para os pobres.

Em contrapartida, a ONU (2022) afirma que 2,8 bilhões de pessoas não têm acesso a uma alimentação saudável. Considerando nosso contexto atual de grande desigualdade, essa narrativa bíblica

convida à reflexão sobre novas práticas alimentares que respeitem a dignidade de todas as pessoas, promovam a equidade e se alinhem com os princípios do cuidado de Deus com a criação. A justiça alimentar não é apenas uma questão social ou política, mas também uma expressão de fé, que exige compromisso ético e ação concreta.

Portanto, a narrativa de Êxodo 16 nos oferece uma visão profunda da provisão divina e do cuidado com o próximo, sendo ambos fundamentais para a justiça alimentar. A confiança em Deus como provedor, o cuidado com a comunidade e o respeito pelas limitações impostas por Ele constituem um modelo para a busca de uma equidade alimentar na atualidade.

4. PECADO, INJUSTIÇA E DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

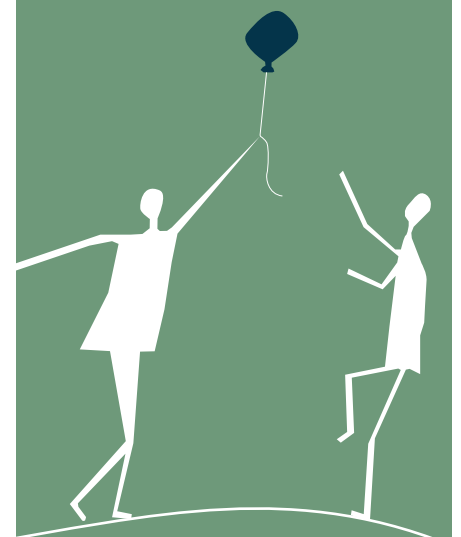
A mulher viu que a árvore era linda e que seu fruto parecia delicioso, e desejou a sabedoria que ele lhe daria. Assim, tomou do fruto e o comeu. Depois, deu ao marido, que estava com ela, e ele também comeu. Naquele momento, seus olhos se abriram, e eles perceberam que estavam nus. Por isso, costuraram folhas de figueira umas às outras para se cobrirem
—Gênesis 3:6-7

Em Gênesis, capítulo 3, vemos o relato da queda da humanidade e suas consequências. A primeira transgressão humana foi, em sua essência,

uma transgressão alimentar. A decisão de comer o fruto do conhecimento do bem e do mal rompeu a harmonia que Deus havia estabe-

ALIMENTO PARA O PENSAMENTO

De que maneiras podemos aplicar o princípio de responsabilidade comunitária no combate à fome e à desigualdade alimentar em nossas comunidades?



Reserve um momento para refletir e responder a esta pergunta.

lecido entre a humanidade e toda a criação. Antes, os seres humanos trabalhavam em cooperação com Deus para cuidar da Terra. “Cultivar” e “guardar” eram ações exercidas com as marcas da justiça, lealdade e bondade. No entanto, após o pecado, essa relação passou a ser marcada pelo descaso e pela exploração da natureza.

Nos versículos 17 e 18 vemos a terra sendo amaldiçoada por causa do pecado humano. Essa ruptura inicial tem como impacto negativo a dificuldade na provisão do alimento, o solo agora produzirá espinhos e ervas daninhas. O jardim que antes era completamente harmônico, agora converte-se em um ambiente que exige trabalho árduo e altera a capacidade da terra de sustentar a vida de maneira abundante e justa.

Esse desequilíbrio inicial pode ser visto como a raiz da injustiça social e da desigualdade no acesso a alimentos, já que o egoísmo e a ganância humana se manifestaram em sistemas de opressão que limitam recursos essenciais, como o alimento, à grande parte da população.

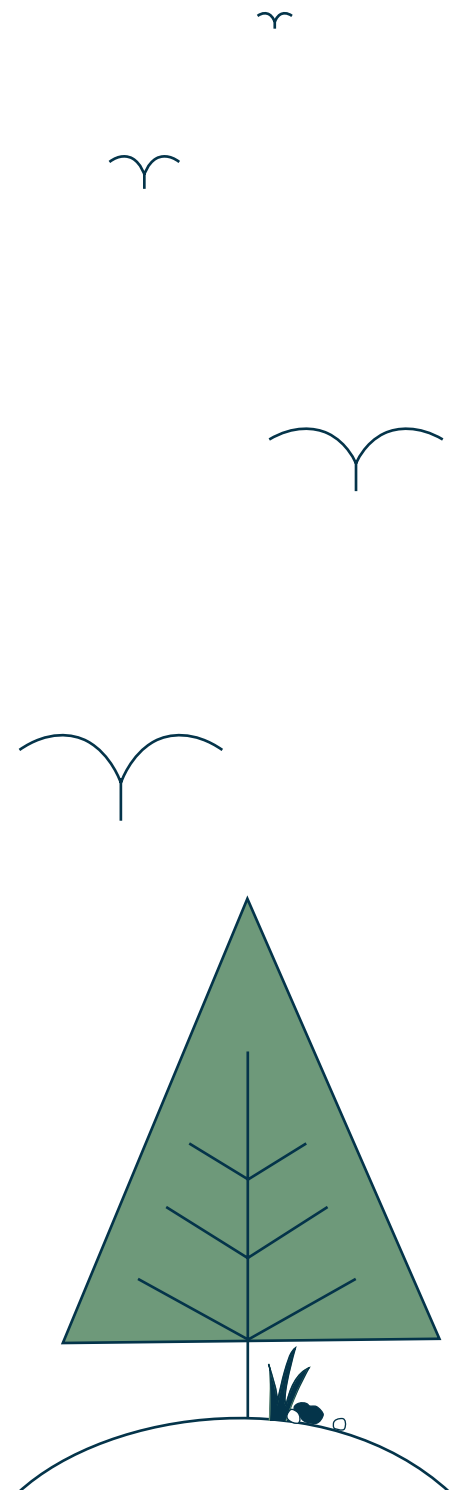
A degradação ambiental, consequência direta do pecado, é manifestada no desrespeito pelos limites que Deus estabeleceu para o uso da terra, também ocasionando injustiça alimentar. O ser humano, com uma visão distorcida da criação, enxerga a natureza

não como um bem a ser cuidado, mas como um recurso a ser explorado de forma indiscriminada. Isso se reflete em práticas agrícolas insustentáveis, mudanças climáticas e destruição dos ecossistemas. As populações mais vulneráveis – especialmente os pobres, mulheres e crianças – são as mais afetadas, pois dependem diretamente da terra para sua subsistência.

Em Gênesis 2:15 vemos que “o Senhor Deus colocou o homem no jardim do Éden para cultivá-lo e tomar conta dele”. A degradação ambiental representa uma falha em cumprir esse mandato. A consequência direta disso é uma administração injusta, refletida na crescente insegurança alimentar. Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2023), cerca de 2,5 milhões de pessoas no Brasil enfrentam insegurança alimentar severa.

Esse é apenas um dado. Existem muitos outros relatórios que apontam para um cenário global alarmante sobre alimentação e pobreza. Mesmo que os números em gráficos não atraiam a todos, essa realidade é visível ao nosso redor. Ela está encarnada na vida das pessoas que nos cercam, é uma realidade que não pode ser ignorada.

Não preciso de ressalvas para dizer que a injustiça alimentar é uma expressão concreta da injustiça social. Na Escritura,



os profetas constantemente denunciavam a injustiça que resultava em fome, pobreza e privação para os vulneráveis. Isaías 58:6-7 diz: “Este é o tipo de jejum que desejo: Soltem os que foram presos injustamente, aliviem as cargas de seus empregados. Libertem os oprimidos, removam as correntes que prendem as pessoas. Repartam seu alimento com os famintos, ofereçam abrigo aos que não têm casa. Deem roupas aos que precisam, não se escondam dos que carecem de ajuda”.

O apelo no discurso dos profetas no antigo testamento para que as pessoas reconheçam o seu pecado e se arrependam, buscando viver de uma forma mais justa e louvando a Deus da forma como Ele requer, ecoa ainda hoje e deve nos incomodar e impulsionar a romper a injustiça estrutural, que nega o acesso igualitário aos alimentos. Essas estruturas são um reflexo do pecado que desumaniza e marginaliza aqueles que são mais pobres.

5. REDENÇÃO E O CHAMADO PARA RESTAURAR

Mas no sétimo ano a terra terá um ano sabático de descanso absoluto. É o sábado do Senhor. Durante esse ano, não semeiem os campos nem façam a poda dos vinhedos. Não ceifem o que crescer espontaneamente nem colham as uvas dos vinhedos não podados. A terra terá um ano de descanso absoluto. Comam o que a terra produzir espontaneamente durante seu descanso. Isso se aplica a vocês, a seus filhos, a seus servos e servas, e também aos trabalhadores contratados e aos residentes temporários que vivem em seu meio. Seus rebanhos e todos os animais selvagens de sua terra também poderão comer o que a terra produzir.

—Levítico 25:4-7

O capítulo 25 de Levítico é fundamental para discutir os conceitos de justiça social, ambiental e econômica na sociedade israelita, uma vez que ele introduz duas práticas importantes: o Ano Sabático e o Ano do Jubileu. Ambas vi-

sam promover a equidade e a restauração, tanto entre o povo quanto em relação à terra. No Ano Sabático, a cada sete anos, a terra deveria descansar, e não seria permitido o plantio ou colheita. O que crescesse espontaneamente

ALIMENTO PARA O PENSAMENTO

De que maneira a compreensão bíblica da relação entre pecado, degradação ambiental e injustiça alimentar pode nos orientar a adotar práticas mais justas e sustentáveis no cuidado da criação e na promoção da equidade no acesso a alimentos?



Reserve um momento para refletir e responder a esta pergunta.

seria destinado ao consumo dos pobres, escravos e estrangeiros.

Essa prática reflete um princípio ecológico, ao reconhecer a necessidade de a terra repousar e se renovar, evitando sua exploração contínua. Também possui um fundamento teológico, sublinhando a soberania de Deus sobre a criação: “A terra pertence a Deus” (v. 23), e os seres humanos são seus administradores. O descanso forçado é um lembrete de que a produção de alimentos não depende exclusivamente do esforço humano, mas sobretudo da bênção divina.

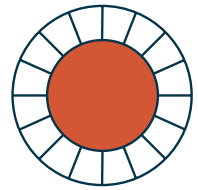
O princípio do descanso da terra (v. 4-5) sugere uma preocupação com a criação e com a sustentabilidade agrícola, conectando-se diretamente à justiça alimentar. Essa justiça inclui práticas que respeitam os ciclos naturais, cuidam da criação e promovem a sustentabilidade. Sob a ótica da teologia da redenção, esse capítulo reflete a restauração da relação harmônica entre a humanidade e a terra, manchada pelo pecado.

O Ano do Jubileu era celebrado a cada quarenta e nove anos, após sete ciclos de sete anos. Neste ano, ocorria a restituição de propriedades e a libertação dos escravos. Este mandamento estabelecia que: “No Ano do Jubileu, cada um poderá retornar à terra que pertencia a seus antepassados” (v. 13) “Se alguém do seu povo empobrecer e

for obrigado a se vender para vocês, não o tratem como escravo. Tratem-no como empregado ou residente temporário que mora com vocês e os servirá apenas até o Ano do Jubileu. Então ele e seus filhos estarão livres e voltarão aos clãs e à propriedade que pertencia a seus antepassados” (v. 39-41).

É importante destacar que diferente de nós, os israelitas não contavam com uma grande variedade de rede de supermercados, onde poderiam obter alimentos. As terras eram a principal fonte de sustento e segurança econômica e alimentar. Nesse contexto, esse princípio garantia que a terra retornasse aos seus proprietários originais, assegurando que as famílias não perdessem permanentemente o acesso aos meios de produção de alimentos. A justiça alimentar, nessa perspectiva, envolve garantir que todas as pessoas tenham acesso equitativo à terra e aos recursos necessários para produzir e obter alimentos.

A libertação dos escravos, por sua vez, simbolizava a libertação que Deus proporcionou ao povo na saída do Egito, reforçando a identidade de Israel como um povo livre, onde a escravidão contínua não deveria existir entre irmãos. Esse princípio de redenção sugere que a justiça alimentar está intrinsecamente ligada à superação das desigualdades estruturais que oprimem os pobres e marginalizados, já



que a fome e a insegurança alimentar muitas vezes resultam da pobreza.

Outro aspecto importante é a promoção de uma redistribuição justa dos recursos, lembrando que “a terra pertence a Deus”. As riquezas e bens não devem ser acumulados perpetuamente nas mãos de poucos. Isso reflete a visão da justiça alimentar, que também reivindica a distribuição equitativa dos recursos alimentares e da terra, garantindo que ninguém seja privado do sustento necessário.

Dados do Mapa da Desigualdade da Distribuição de Terra, construído em parceria pela UNICAMP, UFPA, UFMG, IPAM, Kadaster, PNUMA e SEI (2020), mostram que o índice de Gini da distribuição de terras no Brasil é de 0,73, o que coloca o país entre os mais desiguais do mundo nesse aspecto. A desigualdade é mais acentuada em estados com grandes propriedades

voltadas à produção de commodities, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia e a região do Matopiba, enquanto é menor em estados com maior presença de agricultura familiar e diversificação agrícola, como Santa Catarina, Amapá e Espírito Santo.

Essa desigualdade extrema contrasta com a intenção bíblica de redistribuição, justiça e cuidado com os vulneráveis, conforme expressa em Levítico 25. Esse contraste nos leva a refletir sobre o papel da igreja em relação à justiça social e alimentar. A falta de acesso equitativo à terra e a consequente insegurança alimentar afetam diretamente as comunidades mais vulneráveis, especialmente as mulheres e pequenos agricultores, que dependem da terra para subsistir. Assim, o Jubileu, em Levítico 25, pode ser entendido como um modelo ético e teológico para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

ALIMENTO PARA O PENSAMENTO

Como os princípios do Ano Sabático e do Jubileu em Levítico 25 podem ser aplicados para enfrentar as desigualdades sociais e garantir a justiça alimentar na sociedade contemporânea?



Reserve um momento para refletir e responder a esta pergunta.

6. A PARTILHA COMO ATITUDE CRISTÃ

Quando fizerem a colheita de sua terra, não colham as espigas nos cantos dos campos nem apanhem aquilo que os ceifeiros deixarem cair. O mesmo se aplica à colheita da uva. Não cortem até o último cacho de cada videira nem apanhem as uvas que caírem no chão. Deixem-nas para os pobres e estrangeiros que vivem entre vocês. Eu sou o Senhor, seu Deus.

—Levítico 19:9-10

Levítico 19 é um capítulo central neste livro, pois contém uma série de leis e instruções para os israelitas. Ele é conhecido por sua ênfase em questões éticas, morais e sociais, sendo amplamente considerado um padrão de vida comunitária que reflete a santidade de Deus. Vamos entender como essa compreensão se aplica ao contexto da justiça alimentar.

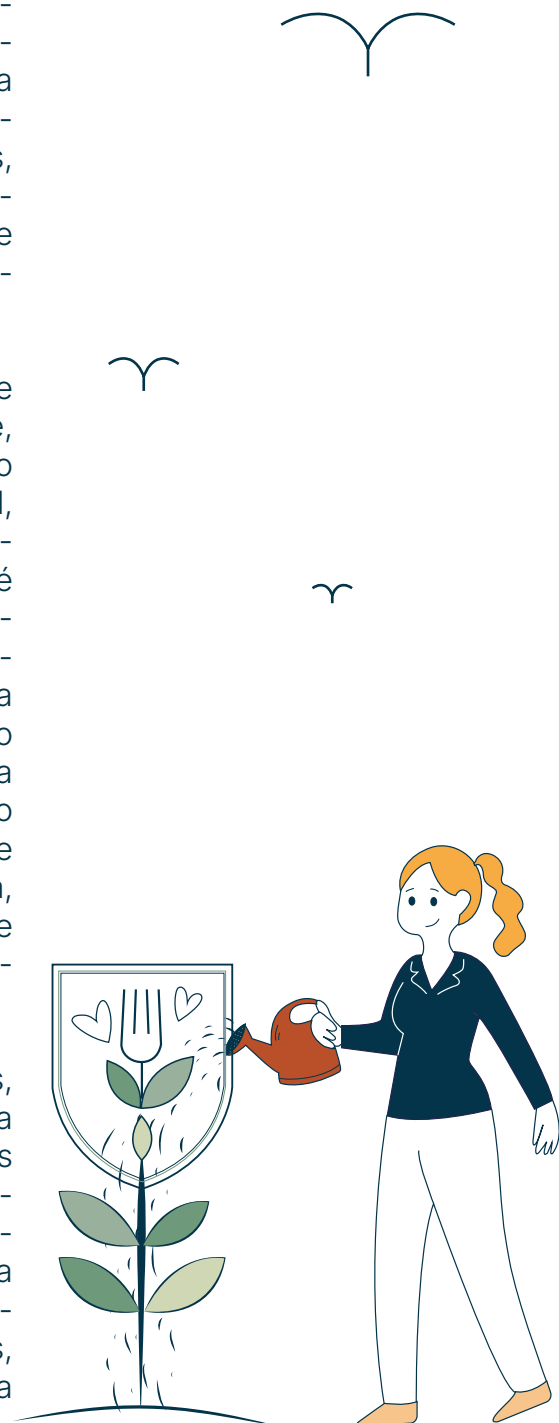
O capítulo começa com um chamado à santidade, tema central em Levítico. Deus ordena ao povo que seja santo, assim como Ele é santo, destacando a necessidade de viver de maneira que reflita o caráter divino em todas as áreas da vida. Este chamado à santidade está intimamente ligado à justiça nas interações humanas, como veremos a seguir.

O texto instrui os israelitas a agirem com justiça e equidade em suas relações, especialmente na forma como tratam os pobres e os estrangeiros. A ordem de deixar parte da colheita para os necessitados não é apenas um ato de caridade, mas uma prática que

reflete a responsabilidade social de compartilhar os recursos. Aqui, a propriedade e a riqueza são vistas como dádivas que devem ser repartidas, ressaltando que a relação entre riqueza e responsabilidade é central para a vida comunitária.

Além disso, Deus estabelece um modelo de solidariedade, no qual a colheita não é fruto apenas do esforço individual, mas envolve uma responsabilidade coletiva. O agricultor é chamado a considerar as necessidades dos outros, promovendo a interdependência dentro da comunidade. Isso reforça a ideia de que a justiça social deve ser praticada não apenas dentro dos limites de uma comunidade específica, mas deve incluir aqueles que estão à margem, como os estrangeiros.

Ao mencionar os estrangeiros, o texto sublinha a importância de acolher e cuidar daqueles que não pertencem à comunidade israelita. Esta generosidade não deve ser restrita aos membros da comunidade, mas estendida a todos, independentemente de sua



origem. Essa postura reflete o caráter inclusivo de Deus, que exige hospitalidade e justiça para todos. O estrangeiro, normalmente desprotegido em muitas culturas, recebe aqui proteção e sustento, o que sugere um compromisso divino com a igualdade e o cuidado com os vulneráveis.

Além disso, essa prática desafia a lógica econômica contemporânea, que muitas vezes se baseia no acúmulo de riquezas. Ao instruir que os israelitas “não colham as espigas nos cantos dos campos nem apanhem aquilo que os ceifeiros deixarem cair”, Deus estabelece limites ao desejo humano de extração excessiva. A colheita não deve ser explorada ao máximo para benefício exclusivo do proprietário, mas deve ser repartida para que outros também possam se beneficiar. Essa

limitação pode ser vista como uma expressão concreta de generosidade e justiça, reconhecendo que os recursos naturais são dádivas de Deus e devem ser compartilhados.

Esse texto é uma demonstração clara do cuidado de Deus com a justiça distributiva, garantindo que os mais vulneráveis não sejam negligenciados. A responsabilidade de prover sustento é compartilhada por toda a comunidade. Quando consideramos a atual realidade de insegurança alimentar enfrentada por milhões de pessoas, a mensagem destes versículos ganha relevância. Deus se importa profundamente com a provisão igualitária dos recursos essenciais para a vida, como a alimentação, e nos convida a refletir sobre como aplicamos esses princípios nos dias de hoje.

ALIMENTO PARA O PENSAMENTO

Como podemos criar sociedades que cuidem melhor dos vulneráveis, especialmente os que sofrem de insegurança alimentar?



Reserve um momento para refletir e responder a esta pergunta.

III. AÇÕES E PRÁTICAS

AÇÕES DE INTEGRAÇÃO

Objetivo: Esta ação tem como objetivo promover a conscientização sobre a crise alimentar, incentivar mudanças práticas no cotidiano e promover ações comunitárias.

Público-alvo: Igreja local, grupo local (universitários e/ou profissionais), líderes comunitários.

Tempo de duração: 3 encontros – Pode ser realizado 1 vez por semana ou intensivo em um ou dois dias.

Aplicação: Três encontros.

1º Encontro: PAINEL (1h. 30 min.)

Tema: Como a igreja / grupo local / comunidade pode responder à crise alimentar?

O que é necessário?

- Especialistas (Nutricionista, agricultor, representante de um ONG local)
- Um mediador para organizar as falas e perguntas, e controlar o tempo.

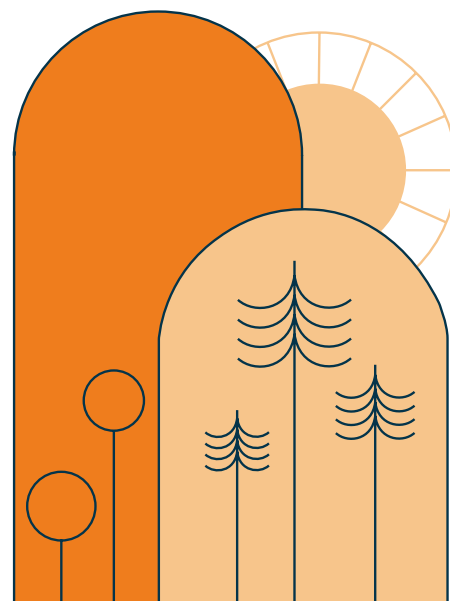
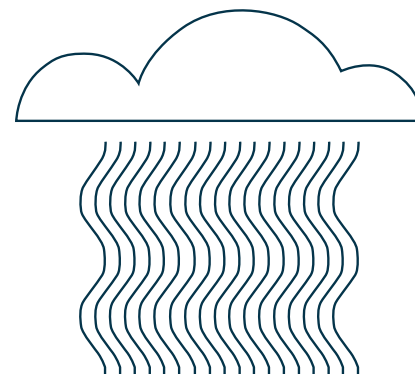
Perguntas para discussão:

Sobre a crise alimentar

1. Qual é a realidade da crise alimentar em nossa comunidade e como ela afeta os mais vulneráveis?
2. Quais são as principais causas da crise alimentar e como podemos abordá-las?
3. Como a crise alimentar está relacionada à pobreza, à desigualdade e à injustiça social?

Sobre o papel da comunidade

1. Qual é o papel da comunidade na resposta à crise alimentar e como podemos trabalhar juntos para abordá-la?
2. Quais são as iniciativas e projetos que já estão sendo implementados para combater a crise alimentar em nossa comunidade?
3. Como podemos envolver os líderes comunitários, as organizações religiosas e as instituições locais na resposta à crise alimentar?



Sobre a perspectiva teológica

1. Qual é a perspectiva teológica sobre a justiça alimentar e como podemos aplicá-la em nossa resposta à crise alimentar?
2. Como a teologia pode nos ajudar a entender a relação entre a comida, a terra e a comunidade?
3. Quais são as implicações teológicas da crise alimentar e como podemos responder a elas de forma ética e moral?

Sobre a ação prática

1. Quais são as ações práticas que podemos tomar como indivíduos e como comunidade para combater a crise alimentar?
2. Como podemos apoiar os agricultores locais e promover a agricultura sustentável em nossa comunidade?
3. Quais são as políticas e programas que podemos apoiar para abordar a crise alimentar em nossa comunidade e além?

Observação:

Este é apenas um modelo sugerido, você pode adaptá-lo levando em consideração o contexto e o objetivo.

2º encontro: Oficinas (1h. 30 min.)

Tema: Planejamento Sustentável das Refeições.

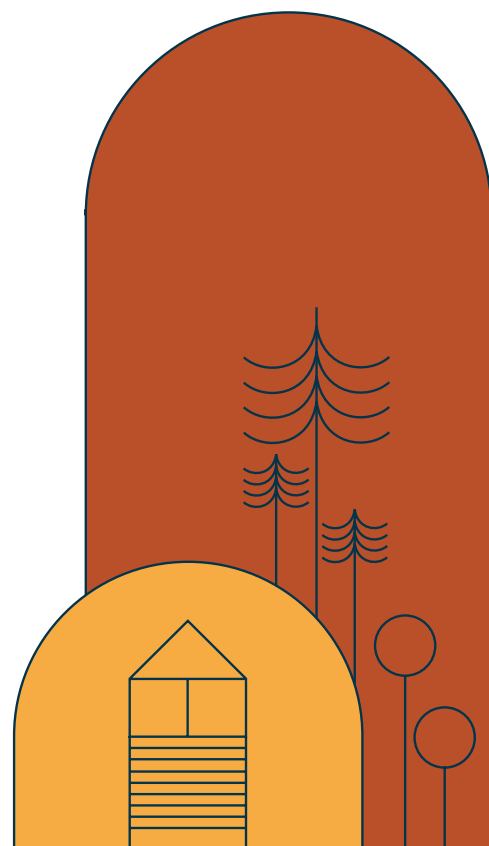
- Objetivo: Ensinar os participantes a planejarem refeições com menos desperdício, utilizando alimentos integrais e locais.
- Actividade: Demonstração de receitas com PANCs ou sobras reaproveitáveis

Tema: Uso Integral dos Alimentos.

- Objetivo: Conscientizar sobre o desperdício alimentar, apresentar dados sobre o impacto social, econômico e ambiental do descarte de alimentos.
- Actividade: Mostrar o preparo, com dicas para higienização e armazenamento dos alimentos reaproveitáveis. Criar receitas com ingredientes não convencionais, como PANCs, cascas ou sobras. Estabelecer metas de redução de desperdício em casa e na comunidade.

Tema: Justiça Alimentar

- Objetivo: Contextualizar o problema do acesso desigual aos alimentos com base em dados e perspectivas teológicas.



- Atividade: Análise bíblica com textos como Levítico 25 (Ano do Jubileu). Discussão de casos reais de iniciativas solidárias em alimentação.

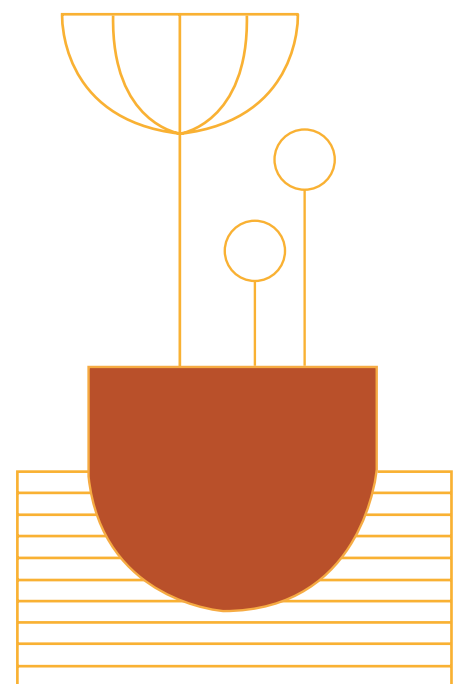
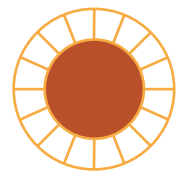
3º encontro: CESTAS SOLIDARIAS

É necessário estabelecer:

- Periodicidade (única ou recorrente).
- Beneficiários: (famílias em vulnerabilidade social, pessoas em situação de rua, comunidades específicas).

Nesta etapa é importante considerar alguns pontos:

- » Mapear as necessidades: Trabalhe com lideranças locais para identificar quem realmente precisa das cestas.
 - » Cadastro: Faça um registro básico com nome, endereço e a quantidade de pessoas na família para evitar duplicidades e melhorar a logística.
 - » Respeito à privacidade: Tenha cuidado com a exposição de dados dos beneficiários e preserve sua dignidade.
-
- Calcular um orçamento para saber o valor de uma cesta básica.
 - Montar as cestas: alimentos de qualidade, inclua itens regionais e culturalmente relevantes para a comunidade.
 - Personalizar as cestas (se possível): Adapte os itens às necessidades específicas da comunidade (ex.: alimentos sem glúten para pessoas celíacas, produtos infantis para famílias com crianças, etc.).
 - Organização: monte as cestas em um espaço limpo e bem organizado. Realize a divisão de tarefas entre os voluntários para otimizar o processo.
 - Logística e Distribuição:
 - » Definir os pontos de entrega: Escolha locais acessíveis para os beneficiários, como igrejas, escolas ou associações comunitárias.
 - » Transporte: Planeje o transporte para locais mais distantes ou para pessoas que não podem se deslocar.
 - » Horários: Organize horários específicos para evitar aglomerações e longas esperas.
 - » Ficha de entrega: Utilize uma lista para registrar a entrega e evitar confusões.
 - Comunicação:
 - » Divulgação da campanha: Use redes sociais, panfletos e parcerias para alcançar mais apoiadores e voluntários.
 - » Sensibilização: Informe a comunidade sobre a importância da ação e motive mais pessoas a contribuírem.
 - Acompanhamento e Transparência
 - » Relatórios: Documente todo o processo e compartilhe os



resultados com os doadores e voluntários.

- » Feedback: Recolha opiniões dos beneficiários para aprimorar futuras ações.
- » Avaliação: Analise o que funcionou bem e quais desafios enfrentaram para melhorar a logística em ações futuras

Observación: Essa é uma ação que demanda tempo e durante o encontro pode ser definida alguns dos tópicos mencionados acima como responsáveis por cada etapa por exemplo, e ser planejado posteriormente.

Cozinha comunitária

Objetivo: Distribuir refeições gratuitas ou a preço acessível. Oferecer oficinas culinárias (ex.: reaproveitamento de alimentos).

Mapear Demanda

- Identifique quem será atendido (famílias carentes, moradores de rua, idosos).
- Faça um levantamento da quantidade estimada de pessoas e frequência de atendimento.

ESTRUTURA DA COZINHA

• Espaço

Avalie se a igreja possui um espaço adequado ou se será necessário adaptar um já existente. Certifique-se de que o local tenha:

- » Pia com água corrente.
- » Área para preparo, cozimento e armazenamento de alimentos.
- » Equipamentos básicos (fogão, geladeira, mesas, prateleiras).
 - Panelas grandes, frigideiras, talheres e pratos (descartáveis ou reutilizáveis).
 - Bancadas e utensílios para corte e preparo (facas, tábuas, liquidificador).
 - Busque doações ou apoio de empresas locais para aquisição.

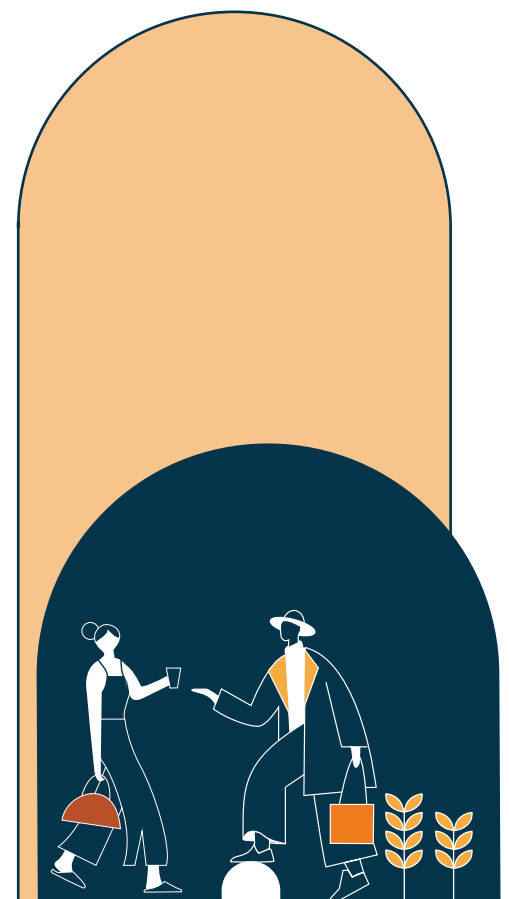
• Higiene e Segurança

Siga normas sanitárias para garantir a segurança alimentar.

- » Equipar com luvas, toucas, aventais e sabão desinfetante.
- » Realize treinamentos básicos de higiene alimentar para os voluntários.

• Formação da Equipe

Recrutar equipe





- » Divida as tarefas: cozinheiros, auxiliares de limpeza, logística e atendimento.
- » Treine a equipe para operar de forma eficiente e acolhedora.

- Parcerias:

Busque apoio de:

- » Empresas locais e mercados para doação de alimentos.
- » Nutricionistas para montar cardápios equilibrados.
- » ONGs para orientações.

- Captação de Recursos

Doações: promova campanhas na igreja e na comunidade para arrecadação de:

- » Dinheiro.
- » Alimentos não perecíveis.
- » Equipamentos e utensílios.



- Eventos

Realize bazares, rifas ou almoços beneficentes.

Operação da Cozinha

- Montar um cardápio:

- » Planeje refeições nutritivas, saborosas e de custo acessível.
- » Use alimentos regionais e de fácil acesso.
- » Priorize o aproveitamento integral dos alimentos (ex.: talos, cascas).

- Definir horários e regras

- » Estabeleça os dias e horários de funcionamento.
- » Determine critérios para distribuição (se necessário).

- Registros e Controle

- » Mantenha um registro das refeições servidas e dos estoques de alimentos.
- » Faça revisões regulares para garantir o funcionamento eficiente.

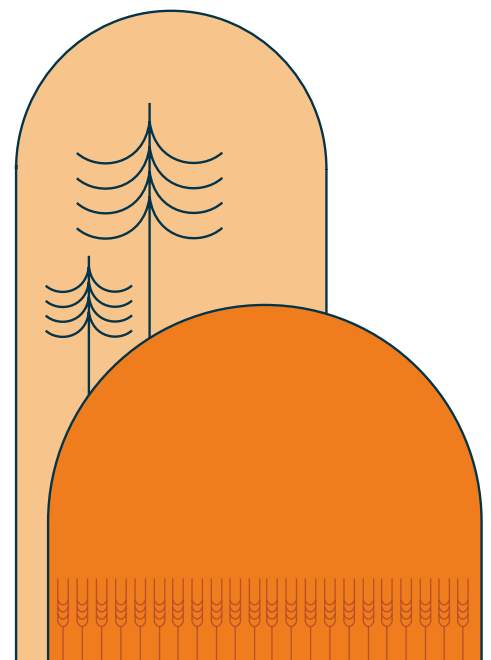
Envolvimento da Comunidade

- Conscientização.

- » Promova encontros para debater segurança alimentar e incentivar o apoio.

- Educação Alimentar.

- » Ofereça oficinas para ensinar receitas simples e acessíveis, incluindo o uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs – usando partes que não são consumidas usualmente)



Sustentabilidade

- Monitorar impactos:
 - » Reavalie periodicamente as necessidades e os resultados.
- Garantir continuidade:
 - » Crie parcerias permanentes e mantenha o engajamento da igreja.
- Reduzir desperdícios:
 - » Implemente práticas sustentáveis, como compostagem de resíduos orgânicos.

Hortas comunitárias

Objetivo: Produzir alimentos frescos e saudáveis para atender às necessidades de famílias carentes da comunidade, ensinando práticas de cultivo sustentável, compostagem e conservação ambiental. Além disso, o espaço servirá como um ambiente para transmitir valores bíblicos, incentivando reflexões sobre a provisão divina e a importância da interdependência.

Escolha um espaço

- Deve ser acessível, com boa exposição ao sol (pelo menos 6 horas por dia).
- Ter uma fonte de água próxima.
- Avalie a qualidade do solo ou a necessidade de criar canteiros elevados.

Planeje o espaço

- Divida áreas para canteiros, compostagem, armazenamento de ferramentas, caminhos e um espaço comunitário.

Organize os canteiros

- Canteiros elevados são ideais se o solo for de baixa qualidade.
- Use medidas padrão para facilitar o acesso (ex.: largura de 1 metro).

Implemente sistemas de irrigação

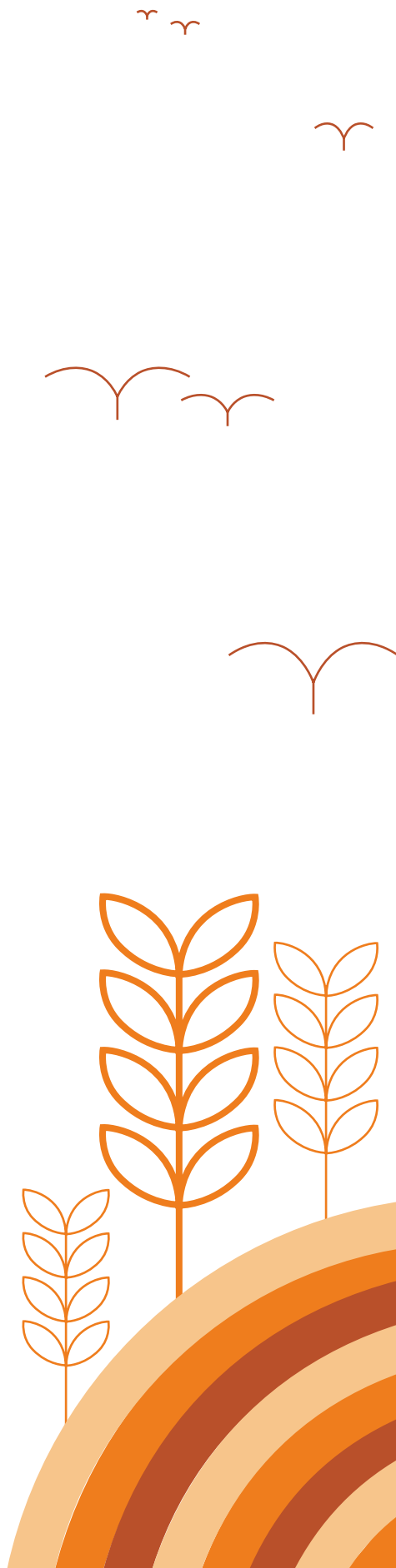
- Pode ser manual (regadores) ou automatizado (gotejamento).

Escolha das Culturas

- Considere o clima e a estação: Escolha plantas adequadas à região e época do ano.
- Dê preferência a variedades locais: Elas tendem a ser mais adaptadas e produtivas.
- Incentive plantas diversificadas: Legumes, ervas, frutas e até Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs).

Organização Comunitária

- Estabeleça responsabilidades: Divida tarefas como plantio,



irrigação, manutenção e colheita.

- Crie um cronograma: Determine dias e horários para atividades.
- Promova encontros regulares: Para discutir o andamento da horta e resolver problemas.

Sustentabilidade

- Compostagem de resíduos orgânicos: Produza adubo para o solo.
- Reaproveite materiais: Use paletes, pneus e garrafas PET para criar canteiros ou delimitar espaços.

Educação e Integração

- Realize oficinas e eventos: Ensine técnicas de cultivo, compostagem e culinária.
- Incentive a participação das crianças: Crie espaços educativos.
- Documente o progresso: Registre fotos, relatos e aprendizados para engajar mais pessoas.

Feiras solidárias

Objetivo: Organizar feiras no espaço da igreja para agricultores locais venderem seus produtos diretamente.

Forme uma equipe

- Reúna voluntários da igreja com habilidades em logística, comunicação e gestão financeira.
- Inclua voluntários ou representantes das comunidades envolvidas.

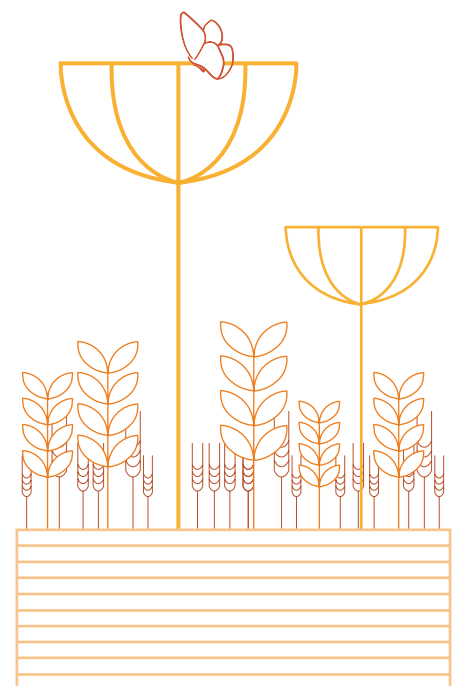
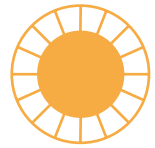
Escolha data e local

- Escolha uma periodicidade: se a cada 15 dias ou 1 vez ao mês, por exemplo.
- Escolha um local amplo, com mesas para exposição dos produtos.

Envolve os Agricultores Locais

- Mapeie os agricultores: Identifique agricultores locais interessados, incluindo pequenos produtores e aqueles que trabalham com PANCs.
- Explique o propósito: Reforce que a feira é um espaço para vendas diretas, sem intermediários, beneficiando produtores e consumidores.

Planeje a logística



- Barracas ou mesas: Providencie estruturas para exposição dos produtos.
- Energia e água: Verifique a necessidade de tomadas ou acesso a água.

Curadoria e Diversidade de Produto

- Variedade de produtos: Inclua frutas, vegetais, grãos, produtos artesanais e processados (como compotas ou pães).
- Critérios de seleção: Dê preferência a produtos locais, orgânicos e cultivados de maneira sustentável.

Divulgação e Engajamento

- Promoção: Use redes sociais, boletins da igreja, cartazes e convites em comunidades locais.
- Envolver a comunidade: Incentive os membros da igreja a participarem e ajudarem na divulgação.

Atividades Complementares

- Esse espaço pode ser utilizado para promover outras atividades como:
 - » Oficinas e palestras: Promova eventos sobre alimentação saudável, culinária com PANCs ou conservação ambiental.
 - » Espaço para crianças: Organize atividades infantis para atrair famílias.

Gestão Financeira e Parceria

- Parcerias locais: busque apoio de empresas locais, dos membros da igreja para custear alguns gastos, se for necessário.

Acompanhamento e Melhoria

- Feedback: Pergunte aos agricultores e consumidores sobre a experiência.
- Avalie o impacto: Monitore as vendas e os benefícios gerados para a comunidade e os produtores.

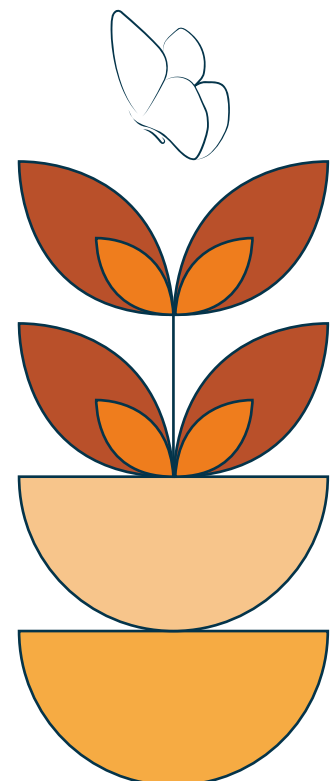
Capacitação dos membros

Objetivo: Realizar oficinas para capacitar e engajar membros da igreja para atuar em projetos de segurança alimentar e sustentabilidade.

Tema 1: Oração e ação pela justiça alimentar.

Objetivo: Relacionar espiritualidade e práticas transformadoras em favor da justiça alimentar.

Conteúdo:



- Reflexão sobre o conceito de “oração encarnada” (oração que leva à ação).
- Exemplos de como igrejas podem se engajar na distribuição de alimentos ou parcerias com agricultores locais.

Atividade:

- Criação de grupos de oração e ação.
- Planejamento de ações práticas como hortas comunitárias ou doações de alimentos sustentáveis.

**Tema 2: Conhecendo e Cultivando PANCs**

Objetivo: Introduzir o conceito de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) e incentivar seu cultivo.

Conteúdo:

- Importância das PANCs para a segurança alimentar e conservação ambiental.
- Exemplos de PANCs locais e suas propriedades.

Atividade:

- Prática de identificação e cultivo de PANCs.
- Discussão sobre como as PANCs podem ser integradas à dieta da comunidade e promovidas nas igrejas.

**Tema 3: Mulheres na Justiça Alimentar**

Objetivo: Capacitar mulheres para liderarem iniciativas que promovam justiça alimentar, reconhecendo seu papel essencial.

Conteúdo:

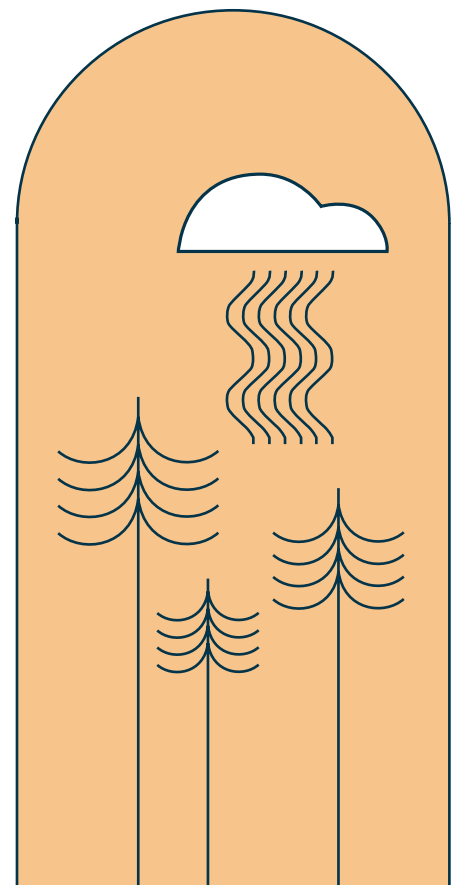
- Estudo da imago Dei em Gênesis 1:27 e o papel das mulheres como cocriadoras e cuidadoras.
- O impacto das mulheres na bioconservação, produção e distribuição de alimentos.

Atividade:

- Troca de receitas tradicionais e sustentáveis.
- Elaboração de planos para projetos liderados por mulheres na comunidade.

Tema 4: Educação Alimentar e Sustentabilidade

Objetivo: Promover hábitos alimentares saudáveis e sustentáveis na comunidade de fé.



Conteúdo:

- Relação entre alimentação saudável, sustentabilidade e moradia cristã.
- Alternativas econômicas e sustentáveis para melhorar a dieta.

Atividade:

- Aulas práticas de culinária sustentável.
- Discussão em grupos sobre como incentivar a conscientização alimentar nas igrejas.

Tema 5: Reduzindo o Desperdício e Promovendo a Generosidade

Objetivo: Ensinar práticas de redução de desperdício alimentar e estimular a generosidade no uso de recursos.

Conteúdo:

- Dados sobre desperdício de alimentos e seus impactos.
- Conexão com o ensino bíblico sobre generosidade (Lucas 3:11, 2 Coríntios 9:6-8).

Atividade:

- Dinâmicas para identificar hábitos de desperdício no dia a dia.
- Planejamento de iniciativas para redistribuir alimentos em excesso na comunidade.

Compostagem comunitária

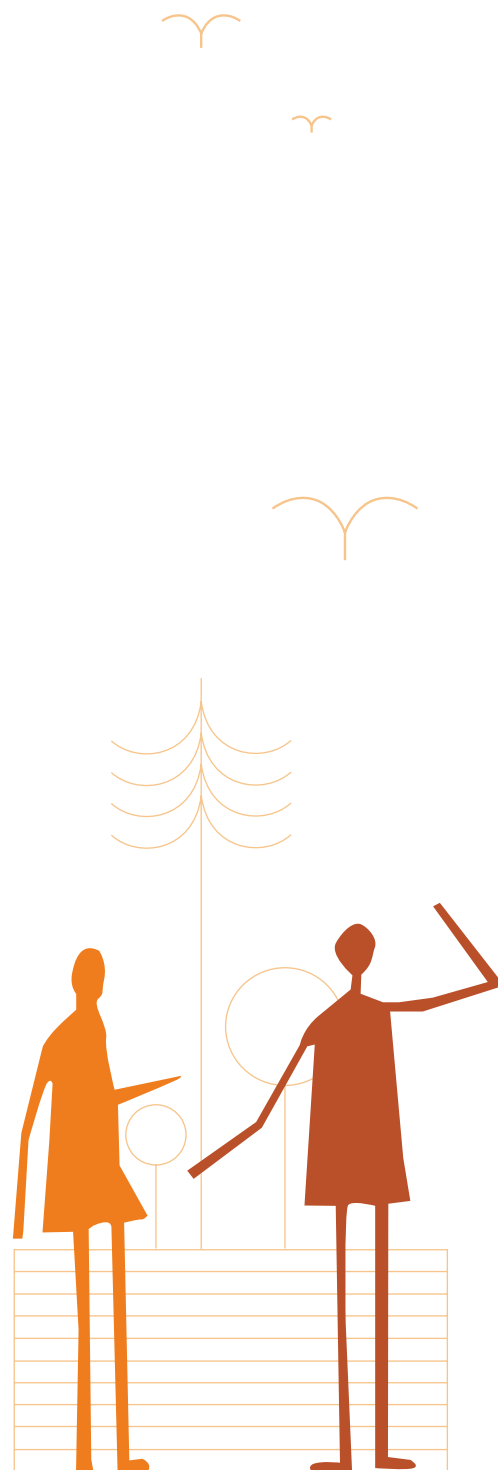
Objetivo: Instalar sistemas de compostagem para resíduos alimentares, que podem ser usados nas hortas ou distribuídos para pequenos produtores.

Planejamento

- Identificar um local: escolha um espaço acessível para os participantes, com boa ventilação, luz solar moderada e proteção contra enchentes ou chuvas intensas.
- Organização comunitária: Reúna interessados da comunidade (igreja e estudantes) para discutir a proposta, definir responsabilidades e criar um cronograma de manutenção.

Estrutura

- Escolha do sistema de compostagem:
 - » Pátio a céu aberto: Ideal para comunidades rurais ou áreas com espaço amplo.
 - » Caixas compostáveis: Adequadas para áreas urbanas, utilizando tambores, paletes ou caixas prontas.



- » Leiras: Fileiras de composto para grandes volumes, usadas em projetos maiores.
- Separação de resíduos: disponibilize recipientes para coleta de resíduos orgânicos (cascas de frutas, restos de vegetais, borra de café) e evite materiais não compostáveis como plásticos, carnes e gorduras.

Educação e Engajamento

- Capacitação: Ofereça oficinas para ensinar os princípios básicos da compostagem.
- Materiais de comunicação: Use panfletos, cartazes e redes sociais para orientar sobre o que pode e não pode ser estar na compostagem.
- Rotina de coleta: Estabeleça dias e horários fixos para os participantes depositarem resíduos.

Operação

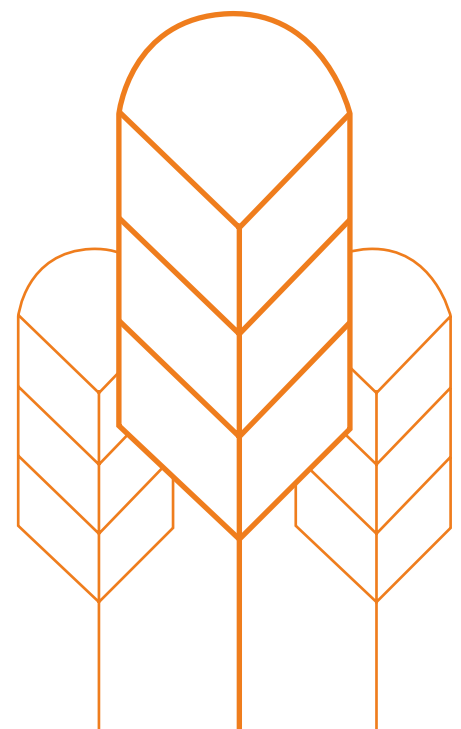
- Camadas equilibradas:
 - » Material verde: Resíduos de cozinha (ricos em nitrogênio).
 - » • Material marrom: Serragem, folhas secas, papelão (ricos em carbono).
- Aeração: Revire o composto regularmente para evitar odores e garantir oxigenação.
- Controle de umidade: Mantenha o composto úmido, mas não encharcado, ajustando com água ou materiais secos.

Manutenção

- Monitoramento: verifique a temperatura, umidade e presença de pragas.
- Soluções de problemas:
 - » Odor forte: adicione mais material seco (marrom) e revire.
 - » Lentidão no processo: Verifique a proporção de materiais e aeração.
- Rotatividade: separe lotes em diferentes estágios de compostagem.

Sustentabilidade

- Documentação: registre o processo e resultados para inspirar outras comunidades.
- Parcerias: busque apoio de organizações locais, ONGs ou empresas interessadas em sustentabilidade.
- Expansão: incentive a participação de mais moradores e explore novas iniciativas relacionadas, como hortas comunitárias.



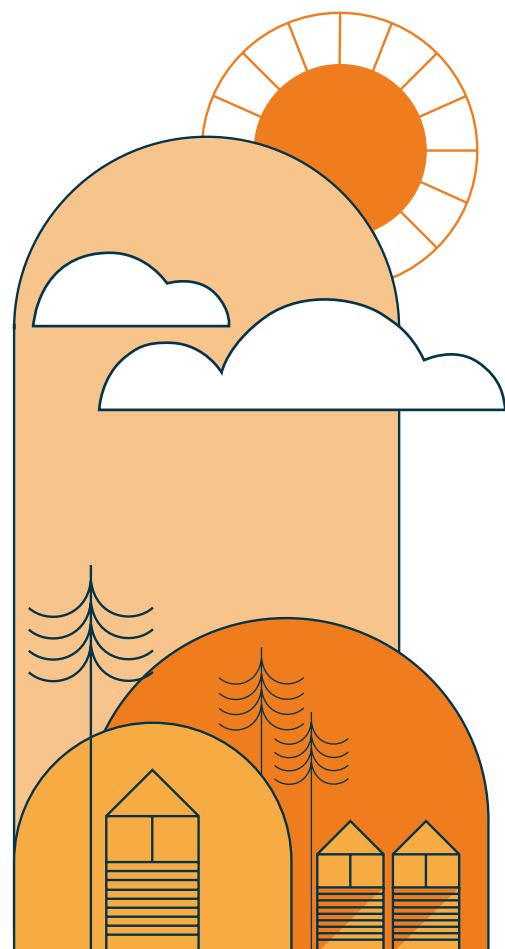
Orientações gerais

- Busque ajuda de profissionais e pessoas com experiência (agrônomos, engenheiros florestais, biólogos, produtores locais)
- Para ajudar na aplicação das estratégias você pode estabelecer metas junto com o grupo, seguindo o método SMART:

MÉTODO SMART		
CRITÉRIO	DESCRIPCIÓN	EJEMPLO DE PREGUNTA GUÍA
S (Específico)	O objetivo deve ser claro e definido, sem ambiguidades.	O que eu quero alcançar? Por que é importante? Quem está envolvido? Onde será realizado? Qual recurso é necessário?
M (Mensurável)	Deve ser possível medir o progresso e determinar quando ele será alcançado.	Como saberei que o objetivo foi atingido? Quais indicadores vou usar para medir o sucesso?
A (Alcançável)	O objetivo deve ser realista, considerando os recursos e restrições.	Este objetivo é viável? Quais passos preciso dar para alcançá-lo?
R (Realista/ Relevante)	Deve ser significativo e alinhado com metas maiores ou valores.	Este objetivo importa para mim ou para minha organização? Ele está alinhado com outras prioridades?
T (Temporal)	Deve ter um prazo claro para ser cumprido.	Qual é o prazo para atingir este objetivo? O que posso fazer agora? O que precisa ser feito ao longo do tempo?

Tabla 1. Quadro explicativo do método Smart.

Fuente: Uninter. (2019, outubro 25). *Metodología SMART*. De Olho no Futuro.



IV. ESTUDO BÍBLICO INDUTIVO

RUTE 2:1-12

Contexto Histórico:

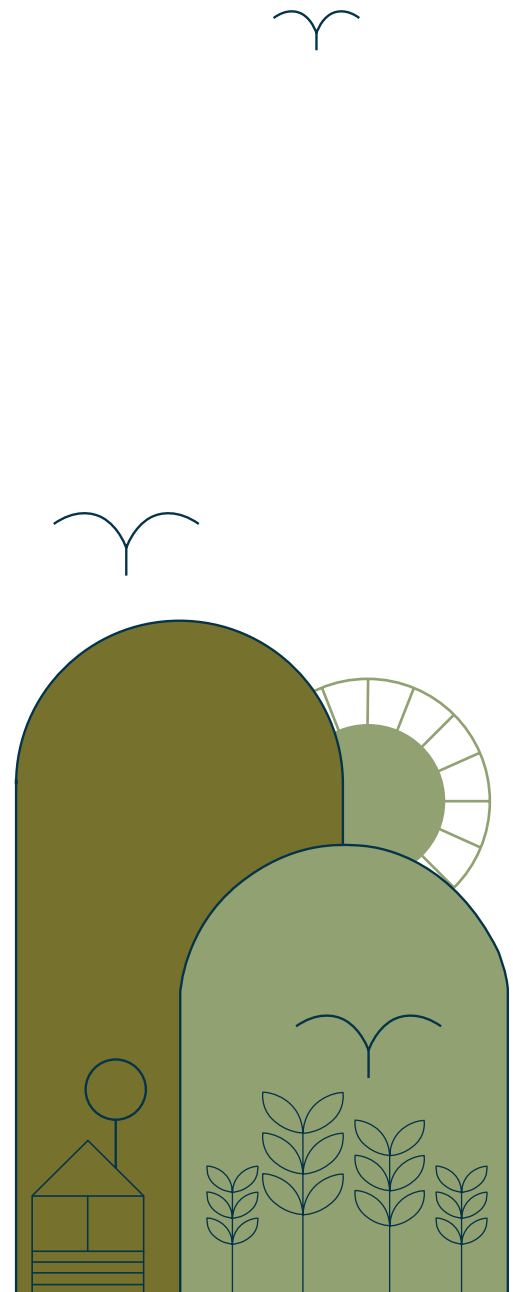
A história de Rute ocorre “nos dias em que os juízes governavam” (Rt 1:1), um período caracterizado por instabilidade política, moral e espiritual em Israel. Era um tempo de crises cíclicas: o povo pecava, sofria opressão, clamava por libertação e Deus levantava juízes para resgatá-los. Noemi e sua família emigraram para Moabe devido a uma fome em Belém (Rt 1:1). Esse deslocamento era comum em períodos de seca ou colheitas ruins. Noemi volta para Belém após ouvir que “o Senhor se lembrara do seu povo, dando-lhe pão” (Rt 1:6), sugerindo um período de recuperação agrícola.

Contexto Religioso:

A Lei de Moisés prescrevia cuidados específicos para os pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros, enfatizando que Israel devia lembrar-se de sua própria experiência de escravidão no Egito (Dt 24:19-22). A prática de deixar sobras na colheita não era apenas uma obrigação econômica, mas também um ato de adoração a Deus e reconhecimento de Sua soberania sobre a terra.

Contexto Cultural:

A sociedade israelita era essencialmente agrária, a terra era fundamental para a subsistência e identidade do povo. A colheita era realizada em etapas. Após a ceifa principal, o que sobrava (espigas caídas ou bordas dos campos) era deixado para os pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros, conforme a Lei Mosaica (Lv 19:9-10; Dt 24:19-22). A prática do “respigar” (recolher sobras da colheita) era uma forma de sustento para os marginalizados e parte da justiça social estabelecida por Deus. Rute, como viúva e estrangeira moabita, era uma figura vulnerável. Mulheres nessa condição dependiam de parentes próximos ou da generosidade da comunidade para sobreviver. No entanto, sua disposição para o trabalho mostra uma ruptura com o papel passivo esperado de mulheres em situações semelhantes. A interação entre Rute e Boaz demonstra as dinâmicas de proteção e hospitalidade em uma sociedade patriarcal. Boaz, como proprietário de terras, age como um protetor e provedor, refletindo o ideal de um homem justo daquela cultura.



Perguntas de observação:

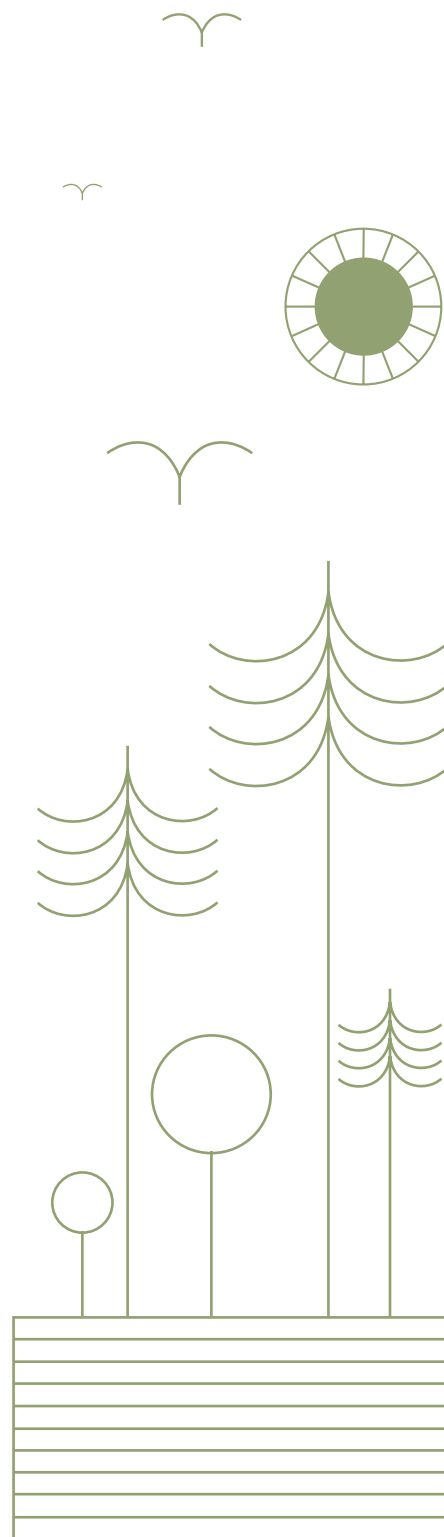
1. Quem são os personagens mencionados neste trecho, e quais são suas ações principais?
2. Como Boaz é descrito nesse texto? Que atitudes ele demonstra em relação a Rute?
3. Quais palavras ou frases indicam a atitude de Boaz em relação aos necessitados?

Perguntas de interpretação:

1. Qual era o papel das sobras das colheitas (espigas caídas) no contexto cultural e religioso de Israel?
2. Como a lei de Moisés sobre o cuidado com os pobres (por exemplo, Levítico 19:9-10 e Deuteronômio 24:19-22) se reflete na atitude de Boaz?
3. Como a disposição de Rute em trabalhar e a proteção oferecida por Boaz ilustram o cuidado de Deus para com os marginalizados?
4. De que maneira essa narrativa aponta para princípios de provisão e justiça que transcendem o contexto imediato?

Perguntas de aplicação:

1. A atitude de Boaz em respeitar a dignidade de Rute, uma estrangeira, nos desafia a refletir: como nossas ações podem promover a equidade no acesso ao alimento, especialmente para grupos marginalizados, como mulheres, imigrantes ou pessoas em situação de pobreza?
2. Boaz implementou a lei de Deus não apenas como obrigação, mas com um coração generoso. Como podemos cultivar uma mentalidade que vá além do cumprimento de regras, buscando ser intencionais em servir as necessidades alimentares dos outros?
3. Rute demonstra trabalho diligente ao recolher espigas, e Boaz cria um ambiente seguro e acolhedor para ela. De que maneira igrejas e comunidades podem criar "espaços seguros" que ajudem as pessoas a participarem ativamente de soluções como hortas comunitárias, feiras ou compostagem?
4. O cuidado de Boaz por Rute reflete a bondade de Deus para com todos. Em que aspectos nossas comunidades podem ser expressão prática do cuidado divino, garantindo que ninguém fique sem o básico, como o alimento?



ISAÍAS 58:6-12

Contexto Histórico:

Isaías 58 foi escrito em um período pós-exílico, quando o povo de Israel retornava do cativeiro babilônico (século VI a.C.). Apesar de estarem de volta à sua terra, enfrentavam dificuldades econômicas, sociais e religiosas. Havia uma aparente devoção religiosa, mas suas práticas estavam desvinculadas da justiça social. A opressão dos pobres, a exploração dos trabalhadores e a negligência para com os necessitados eram problemas sérios na comunidade.

Contexto Cultural:

A sociedade israelita era baseada em uma estrutura agrária, onde a economia e a segurança dependiam da terra e do trabalho coletivo. O jejum era uma prática comum de arrependimento e busca pela intervenção divina, mas o povo tratava-o como um rito mecânico, sem compromisso com a justiça. A cultura judaica valorizava a solidariedade e o cuidado com os necessitados, mas esses princípios estavam sendo negligenciados.

Contexto Religioso:

A religião de Israel estava fundamentada na aliança com Deus, que exigia não apenas rituais, mas também um compromisso com a justiça. Os profetas frequentemente denunciavam a hipocrisia do culto vazio e chamavam o povo ao arrependimento autêntico. Em Isaías 58, Deus

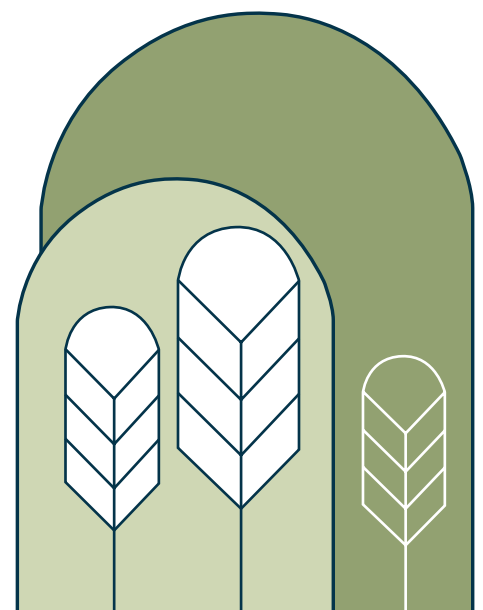
revela que o verdadeiro jejum não é apenas abstinência de comida, mas a prática da justiça e da misericórdia.

Perguntas de observação:

1. Quais ações Deus considera como verdadeiro jejum, de acordo com os versículos 6 e 7?
2. O que Deus promete àqueles que praticam essas ações, conforme os versículos 8-12?
3. Quais imagens o texto utiliza para descrever os resultados da obediência?
4. Quem é o sujeito das ações no texto? Quem é chamado a agir, e quem se beneficia das ações?

Perguntas de interpretação:

1. Por que Deus rejeita as práticas religiosas que não levam à transformação social e acolhe ações de justiça (v. 6-7)?
2. O que as promessas de restauração e prosperidade (v. 8-12) nos ensinam sobre a conexão entre justiça e bênção?
3. Como a injustiça denunciada em Isaías 58 (como exploração e fome) é semelhante às realidades de fome e desigualdade alimentar de hoje?



Perguntas de aplicação:

1. Como posso garantir que minhas práticas religiosas não sejam apenas rituais, mas que transformem a vida dos necessitados? Que mudanças práticas posso fazer em minha rotina para compartilhar o pão com os famintos (v. 7)?
2. Como sua igreja ou grupo de fé pode se tornar um "restaurador de veredas" (v. 12), promovendo a justiça alimentar na comunidade? Existe alguma iniciativa local de combate à fome com a qual podem colaborar ativamente?
3. Como posso participar da luta por sistemas alimentares mais justos em minha cidade, país ou região? Estou disposto(a) a denunciar práticas que perpetuam a fome e a desigualdade, mesmo quando isso me custar o conforto?
4. De que forma posso promover o uso responsável da criação de Deus para alimentar os famintos, garantindo que os recursos sejam preservados para as gerações futuras? Como o cuidado com a terra está conectado ao chamado de ser um "jardim bem regado" (v. 11)?

**SALMO 65:9-13 E SALMO 104:14-23****Contexto Histórico:**

Os Salmos 65 e 104 foram escritos em um contexto agrário, onde a vida dependia fortemente das colheitas e das chuvas sazonais. Israel era uma nação agrícola e pastoril, e a provisão de Deus para a terra era vista como uma bênção fundamental para a sobrevivência. Estes salmos refletem a gratidão do povo por um ano de colheita abundante e a percepção de que a fertilidade da terra era um sinal da bondade divina. No caso do Salmo 104, há um destaque especial para a ordem da criação e como Deus provê para todas as criaturas.

Contexto Cultural:

Na cultura do Antigo Oriente Próximo, muitas civilizações acreditavam que a fertilidade da terra dependia da benevolência dos deuses. No entanto, Israel via Deus como o Criador soberano, que regava a terra e provia alimento para todas as criaturas. As festividades judaicas, como a Festa das Semanas (Pentecostes) e a Festa dos Tabernáculos, estavam diretamente ligadas às colheitas e à gratidão pela provisão divina. O Salmo 104 reforça essa perspectiva, enfatizando a interdependência entre todas as criaturas e o papel de Deus na manutenção da vida.



Contexto Religioso:

Os Salmos 65 e 104 celebram Deus como o Senhor da natureza e da provisão. A chuva, os rios e a abundância dos campos eram sinais da fidelidade divina à sua aliança com Israel. A conexão entre a fertilidade da terra e a justiça de Deus também está presente em outras partes da Escritura (por exemplo, Deuteronômio 11:13-15). O Salmo 104, em particular, descreve a harmonia da criação e como Deus sustenta todas as formas de vida, reforçando a ideia de que a terra pertence a Deus e que os seres humanos são mordomos de seus recursos.

Perguntas Salmo 65:9-13**Perguntas de observação:**

1. que Deus faz pela terra segundo o texto? Liste os verbos que descrevem Suas ações
2. Que imagens naturais são usadas para descrever a provisão de Deus?
3. Como a fartura da terra é retratada no Salmo?

Perguntas de interpretação:

1. Por que o salmista associa a fartura da terra à bondade de Deus?
2. Como o ciclo de provisão descrito (chuvas, cereal, rebanhos) reflete o caráter de Deus?
3. Qual é a relação entre as bênçãos materiais descritas no Salmo e

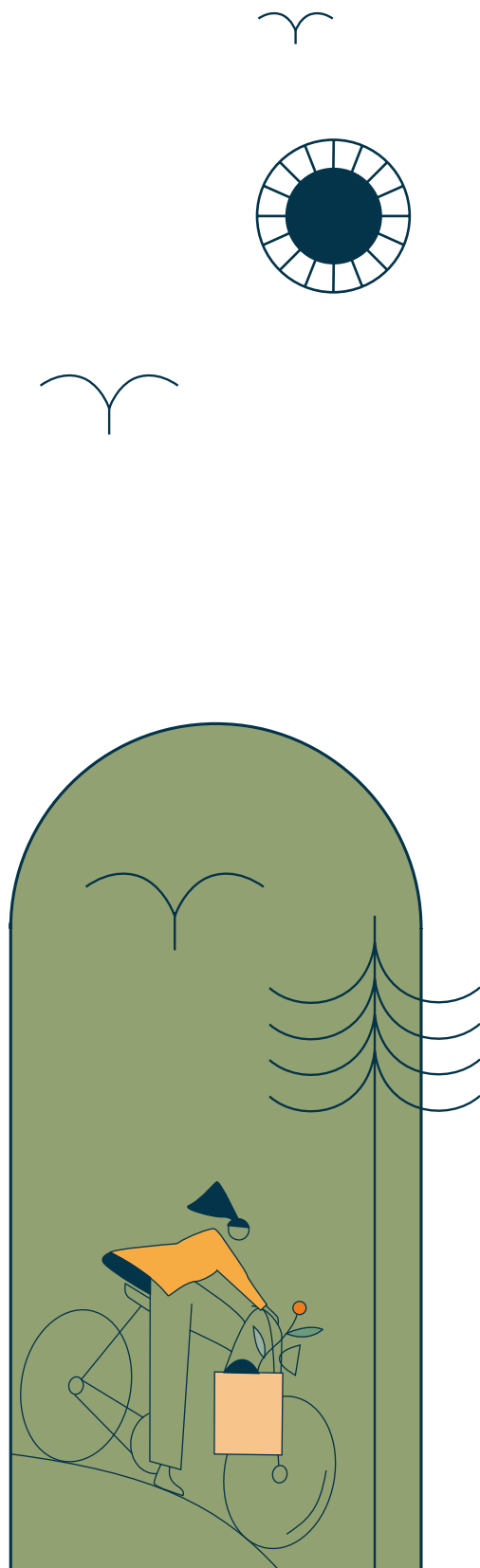
a resposta de alegria e celebração da criação?

Perguntas de aplicação:

1. Deus enriquece a terra abundantemente, mas muitas pessoas ainda sofrem com fome. Como isso nos desafia a sermos bons administradores dos recursos de Deus?
2. Que atitudes podem refletir a bondade e generosidade de Deus no seu relacionamento com os outros?
3. De que forma sua comunidade pode celebrar e partilhar a provisão de Deus?
4. Como ações de justiça alimentar podem trazer alegria e esperança para os necessitados?

Perguntas Salmo 104:14-23**Perguntas de observação:**

1. Quais elementos da criação são mencionados como instrumentos de sustento para os seres vivos?
2. Que tipos de alimentos são destacados no texto?
3. Como os seres humanos, animais e até os ciclos naturais interagem com o sustento fornecido por Deus?
4. Que papel Deus desempenha no processo de crescimento e provisão dos alimentos?

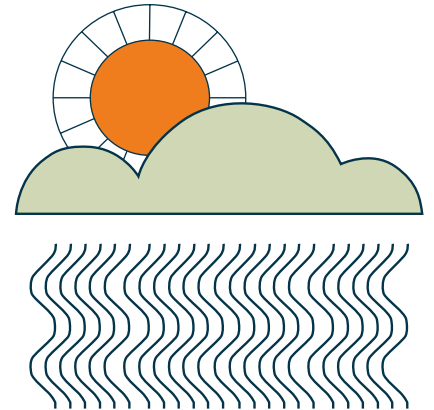


Perguntas de interpretação:

1. De que maneira o texto conecta a atividade humana (como o cultivo) à provisão divina?
2. Por que o autor do Salmo enfatiza que Deus é a fonte de sustento para todos os seres vivos?
3. Como as descrições do ciclo da vida e da criação refletem a interdependência entre os seres humanos e o resto da criação?

Perguntas de aplicação:

1. Como podemos reconhecer Deus como o provedor de nossos alimentos em nossas práticas diárias?
2. Como a compreensão de que Deus alimenta a todos nos desafia a compartilhar os recursos com os mais necessitados?
3. O texto sugere uma interdependência entre o ser humano e a criação. Como podemos trabalhar para proteger e preservar os recursos naturais para garantir uma distribuição justa de alimentos?

**SALMO 146:5-9****Contexto Histórico:**

O Salmo 146 faz parte do conjunto de Salmos que encerram o livro dos Salmos com hinos de louvor a Deus. Ele provavelmente foi escrito no período pós-exílico, quando Israel estava reconstruindo sua identidade após o exílio babilônico. Nesse contexto, o povo estava cercado por desafios políticos e sociais, e a dependência de Deus para provisão e justiça era essencial. O salmista contrasta a efemeridade dos líderes humanos com a fidelidade eterna de Deus.

Contexto Cultural:

Na cultura do Antigo Oriente Próximo, os reis e governantes eram muitas vezes vistos como intermediários entre os deuses e o povo. No entanto, o Salmo 146 rejeita a confiança nos governantes e exalta a soberania de Deus. O texto também reflete a ética social da Torá, que enfatiza o cuidado com os grupos vulneráveis, como estrangeiros, órfãos e viúvas (Deuteronômio 10:18; 24:17-21). A justiça era um elemento essencial na organização social de Israel.



Contexto Religioso:

O Salmo 146 reflete uma teologia de confiança plena em Deus como o único governante digno de louvor. Ele enfatiza que Deus é criador, provedor e defensor dos oprimidos, cumprindo promessas de justiça e redenção. Essa é uma perspectiva presente também nos profetas, como Isaías e Jeremias, que denunciam a injustiça e apontam para o cuidado divino pelos marginalizados.

Perguntas de observação:

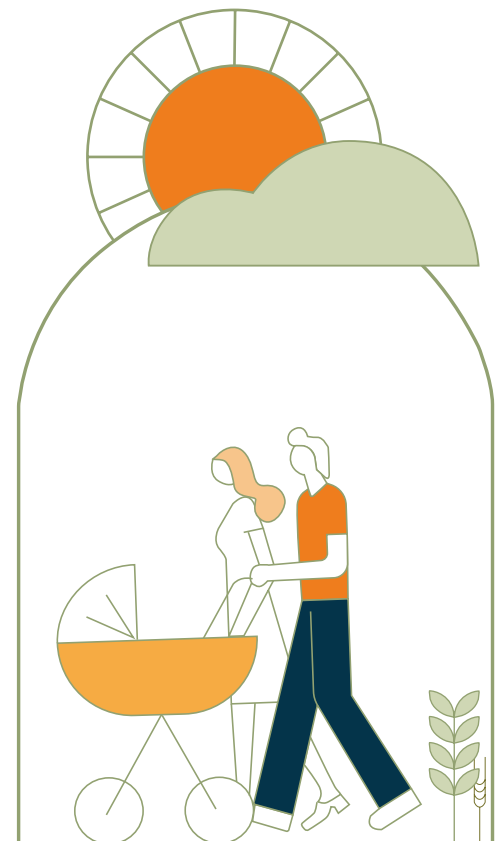
1. Qual é a fonte de felicidade mencionada no verso 5?
2. O que o texto afirma sobre o caráter de Deus em relação à criação (v.6)?
3. Que ações concretas Deus realiza em prol dos necessitados (v.7-9)?
4. Quem são os grupos sociais específicos mencionados no texto?

Perguntas de interpretação:

1. Como a fidelidade de Deus está conectada à criação (v.6) e à justiça social (v.7-9)?
2. Por que o cuidado de Deus pelos estrangeiros, órfãos e viúvas é importante? O que isso nos ensina sobre equidade?
3. O que significa Deus "frustrar os propósitos dos ímpios" (v. 9)? Quem seriam os "ímpios"?

Perguntas de aplicação:

1. De que maneiras podemos imitar o caráter de Deus ao "dar alimento aos famintos" e "proteger os vulneráveis"?
2. Quem são os "oprimidos" e os "famintos" em nossa comunidade hoje? Como podemos defender suas causas?
3. Como podemos nos engajar no "reino de Deus" aqui e agora, reconhecendo que Ele reina para sempre?



V. APÊNDICE 1:

APLICAÇÃO DAS REFLEXÕES

1. Abertura e Boas-Vindas (5 min)

- Cumprimentar os participantes e criar um ambiente acolhedor.
- Breve oração (opcional, dependendo do perfil do grupo).
- Pergunta inicial leve para engajamento (exemplo: "Qual foi a refeição mais memorável que você já teve?").

2. Introdução ao Tema do Dia (5 min)

- Breve resumo do texto do dia (o facilitador destaca os pontos principais).
- **Pergunta motivadora:** Lançar uma questão para estimular o pensamento sobre o tema. (Exemplo: O que significa, na prática, "governar a criação" como Deus governa? - Pergunta relacionada ao texto 01 da seção de reflexões)

3. Discussão Estruturada (30 min)

- **Exemplos:**
 - » Quebra-cabeça teológico (Dividir os participantes em pequenos grupos para discutir partes do texto e depois compartilhar suas reflexões no grupo maior).
 - » Mapa Conceitual (Cada participante escreve uma palavra-chave do texto que mais o impactou e compartilha o motivo).
 - » Caso Prático (Apresentar uma situação e discutir como aplicar os princípios do texto).

4. Reflexão e Aplicação Prática (15 min)

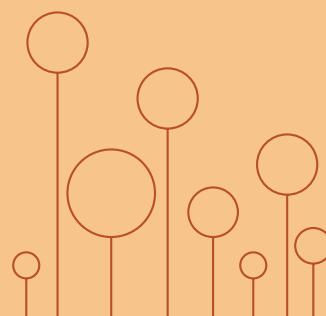
- **Pergunta reflexiva** (Pergunta feita ao final da reflexão)
- **Compartilhamento voluntário** (Os participantes compartilham insights práticos ou compromissos que desejam assumir).
- **Registro de ideias** (Cada um anota um aprendizado-chave para aplicar durante a semana).

5. Encerramento e Próximos Passos (5 min)

- Síntese dos principais aprendizados.
- Orientação sobre o próximo encontro (tema, texto e possível desafio prático).
- Oração final (opcional).

Observação

Esse é apenas um modelo sugerido, você pode adaptar considerando o contexto e objetivo.



VI. APÊNDICE 2: APLICAÇÃO DOS EBIs

1. Oração Inicial / Apresentação (10 min)

- Você pode iniciar fazendo uma dinâmica de apresentação caso as pessoas não se conheçam ou uma dinâmica quebra-gelo.
- A oração aqui é opcional depende do grupo e do contexto.

2. Leitura do Texto Bíblico (5 min)

- Leia o texto escolhido em voz alta.
- Se possível, peça para diferentes pessoas lerem em versões diferentes.

3. Observação: O que o texto diz? (10 min)

- São as perguntas indicadas pela letra (O);
- São mais simples e fáceis de identificar no texto;
- Ajudam os participantes a se situarem no texto, entender o que está acontecendo;
- Não necessita aprofundar a conversa nesse momento, haverá espaço para isso nas perguntas de interpretação.

4. Interpretação: O que o texto significa? (15 min)

- São as perguntas indicadas pela letra (I);
- É o momento de aprofundar mais o conhecimento sobre o texto explorado;
- É importante conhecer o contexto do texto estudo, pode consultar isso no próprio EBI.

5. Aplicação: Como isso se aplica à minha vida? (15 min)

- São as perguntas indicadas pela letra (A);
- É o momento de olhar para si e pensar como a mensagem do texto se aplica a sua vida e/ou contexto.
- Incentive cada participante a definir uma ação prática baseada no estudo.

6. Final (5 min)

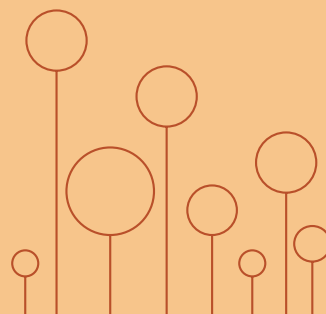
- Encerre agradecendo a presença e participação dos participantes.
- A oração é opcional.

Orientação

1. **Evite** o uso do evangeliquês: que são palavras e expressões comuns aos evangélicos, especialmente se o grupo tiver pessoas que não compartilham a mesma fé.

2. **Comece e termine** no tempo proposto. É importante que todos participem de todas as etapas do EBI.

3. **O tempo de aplicação do EBI** pode ser adaptado de acordo com seu contexto. Essa é apenas uma sugestão.



VII. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brueggemann, W. (2014). Teologia do Antigo Testamento: testemunho, disputa, advocacy (J. L. Hack, Trad.). Academis Cristã.

Carson, D. A., France, R. T., Motyer, J. A., & Wenham, G. J. (Eds.). (1994). New Bible commentary: 21st century edition. InterVarsity Press.

Davis, E. F. (2009). Scripture, culture, and agriculture: An agrarian reading of the Bible. Cambridge University Press.

FAO. (2023). The state of food and agriculture 2023: Reconciling food security and environmental objectives in global food systems. FAO. <https://doi.org/10.4060/cc7659en>

FAO, IFAD, UNICEF, WFP & WHO. (2022). The state of food security and nutrition in the world 2022: Repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable. FAO. <https://doi.org/10.4060/cc0639en>

Nova Versão Internacional. (2011). Bíblia Sagrada. Sociedade Bíblica Internacional.

Pinto, L. F. G., Faria, V. G., Sparovek, G., Reydon, B. P., Ramos, C. A., Siqueira, G. P., Godar, J., Gardner, T., Rajão, R., Alencar, A., Carvalho, T., Cerignoni, F., Granero, I. M., & Couto, M. (2020). Quem são os poucos donos das terras agrícolas no Brasil – O mapa da desigualdade. Imaflora.

Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. (2022). Relatório do Índice de Desperdício de Alimentos 2022. PNUMA. <https://www.unep.org/resources/report/food-waste-index-report-2022>

Uninter. (2019, outubro 25). Metodologia SMART. De Olho no Futuro. <https://deolhonofuturo.uninter.com/metodologia-smart/>

Waltke, B. K. (2015). Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegetica, canônica e temática (M. L. Redondo, Trad.). Vida Nova.

Wenham, G. J. (1979). The book of Leviticus (New International Commentary on the Old Testament). Eerdmans.

Wirzba, N. (2022). Agrarian spirit: Cultivating faith, community, and the land. University of Notre Dame Press.

Wirzba, N. (2023). Nossa vida sagrada: como o cristianismo pode nos salvar da crise ambiental (D. M. Charão, Trad.). Thomas Nelson Brasil.

Wright, C. J. H. (2006). The mission of God: Unlocking the Bible's grand narrative. IVP Academic.

Wenham, G. J. (1979). The book of Leviticus (New International Commentary on the Old Testament). Eerdmans.

